UNIVERSIDADE DE ÉVORA
ESCOLA DE CIÊNCIAS SOCIAIS

Mestrado em Psicologia
Especialização em Psicologia da Educação

Projetos de Vida/carreira em pessoas com surdocegueira

Joana Andreia Pedro Martins

Orientador:
Prof. Doutor Paulo Miguel da Silva Cardoso

”

Évora, 31 de Maio de 2013

AGRADECIMENTOS

Ao Doutor Paulo Cardoso, um agradecimento especial por aceitar este desafio de trabalhar comigo. Pela paciência e disponibilidade incalculáveis, por confiar e acreditar na minha capacidade e por partilhar, generosamente, o seu conhecimento ao longo desta dissertação. Também por me receber sempre com um sorriso na face o que, em momentos de desânimo, foi o suficiente para me ajudar a acreditar em mim e na minha capacidade.

À memória dos meus pais, a quem dedico este trabalho, orgulhosa por ter sido criada por pessoas tão maravilhosas. Estiveram e estão sempre presentes no meu pensamento. Graças ao seu amor, educação e valores com que me abençoaram, ensinando que se deve sempre lutar pelos nossos objetivos, tendo sempre em mente que se nos lançamos numa tarefa / desafio é para a realizarmos com sucesso, ultrapassando todos os obstáculos que se venham a colocar no caminho, consigo levar em frente os desígnios a que me proponho.

A toda a minha família.

À minha irmã mais velha, Sofia, pois sem ela toda esta minha caminhada académica não seria possível; sem o amor, a força, o apoio, o incentivo que me deu ao longo de todos estes anos, por nunca deixar de acreditar em mim, por me auxiliar nas ideias e no processo da construção desta dissertação.

Também lhe dedico este trabalho pois sem a sua presença não teria sido possível.

Ao Nuno, ao Ricardo, à Vivi e ao meu irmão mais novo, Orlando, pela presença, pelas viagens rumo a Évora, pelo apoio e ajuda, pela paciência e amizade.

A todos os meus amigos.

Á minha melhor amiga Hortense, pela amizade, apoio e força que me deu, por estar sempre comigo nos bons e maus momentos, e acreditar que depois da chuva vem sempre um arco-íris.

À Ana Cláudio, por acreditar que tudo é possível, e me mostrar que difícil não é sinónimo de impossível, por me apontar outros caminhos, me ouvir, partilhar

experiências incentivadoras, numa única palavra, num único olhar, e acima de tudo acreditar que o "navio iria chegar a um bom porto", quando decidi embarcar no ramo da Psicologia.

Ao Pedro Henriques, por todo o amor e apoio que me tem dado ao longo desta caminhada, tal como as experiências inovadoras que me transmitiram inspiração. E porque acredito que nada acontece por acaso, tudo aconteceu no momento exato, por alguma razão.

Á Filipa Coutinho, por confiar, acreditar, pela maneira como me incentivou, por todas as palavras que me ajudaram a refletir, a pensar melhor sobre mim própria e a centrar-me no meu objetivo.

Ao Pedro Daniel Costa, pelas traduções, a paciência, e o carinho com que me apoiou incentivando para a parte final.

Ao Gustavo (Tuka), por me mostrar que a revolta é boa inspiradora e me dar o empurrão para avançar no demonstrar da necessidade da minha tese, que afirmou ser nobre, devido "à sua beleza".

Ao Zé, por me acompanhar nas tardes frias, e me confortar no calor dos meus pensamentos desesperados, tendo sido a única presença constante em diversos momentos, apesar de infelizmente não ter chegado ao fim desta etapa comigo, e me ter deixado um pouco desemparada pelo meio…

À Otília, minha companheira das pausas entre leituras, por se mostrar sempre interessada em saber se estou a progredir.

À Sara Brilha que, embora só recentemente tenhamos ficado mais próximas, ajudou para que não caísse no erro de adiar ainda mais o meu objetivo, e me dar algumas ideias.

À Rute Rodrigues, à Tatiana, ao João Cavalheiro, ao Miguel Ramos, à Ashley Elisabeth, ao Hugo Gonçalves, Madalena Marranita, Sofia Saldanha, Neuza Ferreira, Bárbara Mendes, Cristina Santos e Cátia Dias, um obrigado muito especial.

Ao participante, que se prontificou desde logo a aceitar fazer parte deste estudo.

À Alexandra e à Ana Luísa, pelo apoio, força e preocupação sinceros, ao longo de todo este percurso.

Ao José Amaral que me inspirou e encorajou num momento de desmotivação para me lançar com amor neste trabalho, porque todos nós temos os nossos momentos de queda, e precisamos que nos digam que nós conseguimos, e que nos lembrem do nosso valor e que “Quem não pensou que fosse possível, foi e fez”.

"Projetos de vida / Carreira em Pessoas com Surdocegueira"

Resumo

A Surdocegueira é ainda uma deficiência pouco estudada em Portugal, no entanto, tem sido cada vez mais objeto de estudo e de investigação científica nas áreas biológicas, da saúde, das tecnologias, bem como da educação. Dessa crescente importância e visibilidade, decorreu a relevância do presente estudo sobre a construção de projetos de vida e de carreira em pessoas portadoras dessa deficiência. Foi utilizada a metodologia de histórias de vida para analisar, num estudo de caso, a narrativa do participante sobre a construção do projeto de vida. A narrativa foi explorada a partir de um guião de entrevista semiestruturada construído a partir dos guiões de entrevista proposto por McAdams (1993) e Savickas (2011), cujos resultados obtidos revelaram o processo de organização identitário dessa pessoa.

Palavras-chave: surdocegueira, desenvolvimento e construção de vida/carreira, histórias de vida.

“Life/Career project in persons with Deafblind” ”

Abstract

The deafblindness is still a deficiency rarely studied in Portugal, however, it has been increasingly subject matter peals scientific investigations in biological, health and technological areas as well as in the educational area. This study ran from the relevance of life and career construction project in people with this disability. It was used the methodology of life stories to examine, in a study case, the participant's narrative on the construction of the life project. The narrative was explored from a semistructured interview guide, built from the interview guidelines proposed by McAdams (1993) and Savickas (2011), whose results showed the process of organizing identity of that person.

Keywords: DeafBlind, development and construction of life/career, life stories.

Índice

INTRODUÇÃO 1

Parte I – Estudo Teórico

Parte I – Estudo Teórico 5

Capitulo I – As pessoas com incapacidade e a sua integração socioprofissional 5

1. Clarificações conceptuais 5

1.1. A inclusão social de pessoas com incapacidade 7

1.2 A inclusão socioprofissional da pessoa com incapacidade 8

Capitulo II - A Pessoa com Surdocegueira 12

2.1 A surdocegueira 12

2.2 A intervenção com a pessoa surdocega 15

Capítulo III - A integração socioprofissional da pessoa com surdocegueira 17

3.1 A questão da integração 17

3.2 A integração Socioprofissional 21

Capítulo IV - Teoria da Construção de Carreira e o desenvolvimento de projetos de vida de pessoas com incapacidade 24

4.1 A Teoria da Construção de Carreira 24

4.1.1. A TCC: a perspetiva integrativa do comportamento vocacional 25

Nível dos traços de personalidade (O quê) 26

Nível dos processos adaptativos (Como?) – 27

Nível dos temas de vida (Porquê?) 29

Parte II – Estudo Empírico

Capítulo V - Metodologia 32

5.1. Objetivo do estudo 35

5.2. Participante 35

5.3. Procedimentos 37

5.3.1. Procedimento de recolha 37

5.3.2. Procedimento de transcrição e análise 40

Capítulo VI - Resultados 42

Capítulo VII - Discussão 51

Capítulo VIII - CONCLUSÃO 57

Referencias 60

Anexos 67

Anexo 1 - Entrevista realizada ao participante organizada cronologicamente 67

INTRODUÇÃO

A dissertação que se apresenta foi realizada no âmbito do curso de mestrado em Psicologia, na área de especialização da Psicologia da Educação. Intitulado "Projetos de Vida/Carreira em pessoas com surdocegueira", este estudo que visa abordar o desenvolvimento de carreira em pessoas com este tipo de deficiência, partiu do meu interesse pessoal e profissional sobre esta deficiência e sobre os fatores e processos de construção de carreira na pessoa surdocega.

Se refletirmos sobre o facto de que a incapacidade de audição se apresentar como um sério prejuízo para todos aqueles que dela sofrem, devido, principalmente, ao isolamento a que condena os indivíduos, se a isso associarmos a incapacidade de boa visão, então temos um indivíduo com grandes dificuldades na sua independência pessoal e social. Não é possível determinar qual dos dois sentidos é o mais importante, e este trabalho prende-se com a perda de ambos. Helen Keller[1] ao ficar cega e surda na infância, considerou, mais tarde, a surdez uma infelicidade muito maior do que a cegueira.

A surdocegueira é ainda hoje uma deficiência pouco conhecida/divulgada em Portugal, constituindo-se como uma deficiência única, não a união de duas deficiências, auditiva e visual, e nem a junção de duas metodologias, uma para os surdos e outra para os cegos. Ser surdocego não significa ser um surdo que não vê e nem tão pouco ser um cego que não ouve, e sim uma pessoa que apresenta uma combinação das perdas dos sentidos de distância (Mclnnes & Treffry, 1982, 1984). De facto, as experiencias vivenciadas pela pessoa com deficiência através das estruturas percetivas e cognitivas que possui tornam-se únicas, percebendo o mundo de maneira diferente daquelas que têm o sentido de audição e visão (Masini, 2003).

É de notar que, deste modo, a surdocegueira provoca um impacto enorme na vida de uma pessoa, tanto ao nível da comunicação, do acesso à informação, da orientação e interação com o mundo, como também do conhecimento, de onde se deduz que o desenvolvimento da trajetória de vida/carreira de pessoas portadoras deste tipo de deficiência esteja dificultado. As dificuldades das pessoas com surdocegueira podem, no entanto, ser minimizadas,

[1] Helen Keller - Nasceu a 27/6/1880 em Tuscumbia, Alabama, aos 18 meses ficou surdocega. A sua educação por volta de 1887, pela professora Anne Sullivan deu reconhecimento à surdocegueira. (Masini, E, Teodoro, C., Noronha, L. & Ferraz, R. (2007).

Posto isto, visa-se com este estudo uma apresentação descritiva de uma realidade ainda pouco conhecida para melhor a compreender e explicar, sendo relevante referir aqui a importância dos dois sentidos do equilíbrio do ser humano: a visão e a audição.

A visão representa um meio de comunicação essencial para a relação entre as pessoas, com alto significado social, sendo também um dos mais importantes na vertente e diversidade profissional (Documento de Trabalho, Contributos para o plano Nacional de Saúde, 2004-2010). Por outro lado, a audição é extremamente importante no que diz respeito ao desenvolvimento harmonioso do indivíduo, nomeadamente no que se refere à segurança, isto é, as funções auditivas funcionam como sistema de aviso que informam sobre o bem-estar e a estabilidade do desenvolvimento, e ao desenvolvimento da linguagem - ao ouvir falar, aprende-se a falar e a interagir socialmente, é com a fala e a comunicação que os indivíduos se identificam com um grupo social. Importa ainda realçar que a audição é fundamental, uma vez que é o sentido que mais nos coloca "dentro" do mundo, dado que a comunicação humana é um bem de valor inestimável.

Hargie, Saunders & Dickson (1987) descrevem a comunicação como uma interação de complexidade entre dois ou mais sujeitos que envolve processos cognitivos com alteração de papéis, aquisição do conhecimento com sentido e com codificação e descodificação de sinais, ocorrendo, portanto, de forma verbal e/ou não-verbal.

A comunicação é assim uma atividade fundamental para o ser humano. Através desta atividade o homem partilha desejos, necessidades, ideias e sentimentos. Existem muitas formas diferentes através das quais as pessoas comunicam, como por exemplo a fala, a escrita ou os gestos. Apesar das diferenças existentes, as várias formas de comunicação humana partilham um mecanismo comum que tem como principal objetivo a transmissão de uma mensagem de uma pessoa para outra.

Tudo isto para salientar o facto de que a surdocegueira pode comprometer a realização de algumas operações necessárias ao processo de comunicação, traduzindo-se assim em dificuldades de comunicação por parte da pessoa com tal incapacidade, pelo que esta deficiência representa um fenómeno complexo digno de ser estudado e, aqui com especial relevo, relativamente aos processos de vida/construção de carreira dessa população.

Este trabalho de investigação respeitou a estrutura e especificações postuladas pelo regulamento do Ciclo de Estudos Conducente ao Grau de Mestre pela Universidade de Évora e demais disposições orientadoras. Pelo que se encontra constituído por cinco partes que o integram, sendo essas partes compostas pela

presente introdução, seguida pelo enquadramento teórico, a terceira parte diz respeito ao estudo empírico, a quarta apresenta as conclusões, e por último, as referências bibliográficas.

O enquadramento teórico, por sua vez, compõe-se por quatro capítulos nos quais se apresenta uma breve síntese da literatura correspondente à temática em estudo.

No primeiro capítulo, apresentamos a problemática das pessoas com incapacidade e sua integração socioprofissional, onde se clarificam os conceitos de deficiência e de incapacidade, e se explica que a posição adotada é a da surdocegueira como deficiência que leva à incapacidade. De seguida, apresentamos o tema da inclusão social de pessoas com incapacidade e a inclusão socioprofissional que se relaciona com a procura dos mesmos direitos sociais no que se refere a fatores como o trabalho; onde se explica essa situação, salientando e reforçando o facto de que uma sociedade inclusiva deve sempre proporcionar condições de trabalho para todos sem criar obstáculos no mundo do trabalho. Refere-se ainda neste capítulo a importância de medidas a implementar para a contribuição da inserção dos indivíduos com incapacidade na sociedade.

De seguida, o segundo capítulo, diz respeito inteiramente à pessoa com surdocegueira, onde se descreve e/ou explica detalhadamente o que é a surdocegueira e o que pode levar a esta condição. Após esta abordagem, explicamos o processo de intervenção que é concretizado com esta população.

No terceiro capítulo, pretendemos referir a temática da integração socioprofissional da pessoa surdocega, expondo também como este fenómeno da integração socioprofissional de pessoas com incapacidade é ainda algo muito complexo e difícil na atualidade. Faz-se, por conseguinte, referência ao Centro de Desenvolvimento e Educação Colégio António Aurélio da Costa Ferreira (CED AACF), dado que é a única instituição do país direcionada para as pessoas portadoras desta incapacidade. Recorreu-se a esta instituição por duas razões: a primeira razão, prende-se com a recolha do participante para o estudo empírico, e por outro lado, para apelo ao recurso de um guia-intérprete do Serviço de Apoio à Pessoa Surdocega Adulta que esteve presente ao longo da entrevista realizada no estudo empírico.

Finalizada a abordagem à problemática da incapacidade, partimos para um capítulo exclusivamente focado na Teoria de Construção da Carreira e no desenvolvimento de projetos de vida de pessoas com incapacidade, onde se começa por se explicar e definir a Teoria de Construção da Carreira, com especial destaque a Mark Savickas.

Seguidamente, e tendo em conta a Teoria de Construção da Carreira, passamos a mencionar a perspetiva integrativa do comportamento vocacional, onde se explica os tipos de perspetivas que constituem a Teoria de Construção da Carreira e que incluem os tipos de personalidade, a adaptabilidade à carreira e os temas de vida, pelo que todas essas perspetivas serão descritas neste estudo.

Posteriormente, apresentarmos a parte relativa ao enquadramento teórico, seguida do estudo empírico, que contém a secção da metodologia deste trabalho, onde se descreve o método utilizado para analisar a narrativa do participante, na qual se inclui o objetivo do estudo - o estudo da organização identitária de uma pessoa surdocega a partir da sua história de vida, que é sucintamente apresentado juntamente com a sua análise e discussão.

Seguem-se as principais conclusões sobre todo o estudo realizado, com especial destaque para os resultados do estudo empírico e direções futuras do mesmo.

Parte I – Estudo Teórico

Capitulo I – As pessoas com incapacidade e a sua integração socioprofissional

1. Clarificações conceptuais

A problemática das pessoas com incapacidade e sua consequente integração na sociedade e no mundo do trabalho é um assunto complexo pelo que a sua clarificação deverá iniciar-se com esclarecimentos conceptuais.

O conceito de deficiência tem sido de difícil qualificação e definição pois a experiência de deficiência é ela mesma muito diversificada, sendo que na pesquisa e na prática desta área existem muitas imprecisões dos conceitos com variações relacionadas com o modelo médico e com o modelo social, que resultam em dificuldades na aplicação e utilização do conhecimento produzido (Amiralian et al, 2000). Segundo Sampaio e Luz (2009) "*A produção científica atual e os debates com relação às teorias da incapacidade tendem a se apresentar dicotomizados e polarizados nas conceções médica e social*" (p. 476). Por um lado, na conceção médica, a deficiência é normalmente concebida como um problema do sujeito, remetendo este foco individualista do problema para um entendimento da incapacidade como consequência da deficiência. Por outro lado, na conceção social da deficiência, é valorizado o papel do meio ambiente como um dos fatores que podem ser responsáveis pela incapacidade.

Relativamente ao conceito de incapacidade, este aparece associado aos indivíduos que são portadores de deficiência. É usado para evitar os efeitos negativos da conceção médica no percurso de vida das pessoas com deficiência, nomeadamente, na sua educação e no mundo de trabalho (Gabinete da Secretária de Estado Adjunta e da Reabilitação, Secretariado Nacional para a Reabilitação e Integração das Pessoas com Deficiência, 2006). O conceito de incapacidade pretende retirar o foco do problema da pessoa (conceção tradicional que considera que o indivíduo deve adaptar-se ao meio que o envolve) para considerar a complexidade de influências ambientais. Assim, nesta visão social, a incapacidade define-se como *"resultado de uma (des) organização social, ou seja, uma diminuição de oportunidades sociais para as pessoas"* (Sampaio & Luz, 2009, p. 476).

Clarificando a diferença de conceitos, a Organização Mundial de Saúde (OMS) criou a Classificação Internacional de Funcionalidade, Incapacidade e Saúde (CIF), cujo sistema de classificação e modelo teórico se baseia numa abordagem biopsicossocial, cujos fatores determinantes para a função e a saúde são

compreendidos nas dimensões biológica, pessoal ou psicológica e social. Procura-se desenvolver uma compreensão relacional ou não-dualística do corpo, tomando-se a funcionalidade e a incapacidade humanas como uma interação dinâmica entre as condições de saúde e os fatores contextuais (Sampaio & Luz, 2009).

Perante esta abordagem, as categorias deficiência e incapacidade *"são determinadas também pelo contexto do meio ambiente físico e social, pelas diferentes perceções culturais e atitudes em relação à deficiência, pela disponibilidade de serviços e de legislação"* (Farias & Buchalla, 2005, p. 3). Para além de um instrumento de medida do estado de funcionalidade dos indivíduos, a CIF constitui também uma forma de avaliar as condições de vida e fornecer contributos para políticas de inclusão social, ou seja, é um paradigma que tem em vista pensar e trabalhar a deficiência e a incapacidade, constituindo um instrumento importante para avaliar as condições de vida dos indivíduos e para promoção destas políticas inclusivas. Segundo a CIF *(2004, p. 14) "deficiências são problemas nas funções ou na estrutura do corpo, tais como, um desvio importante ou uma perda"*.

Embora na extensa literatura existam autores que afirmam que uma condição é considerada ou não deficiência de acordo com o meio onde a pessoa vive, a sua situação individual e a atitude da sociedade face a essa condição, visto que os problemas que assim a caraterizam decorrem das respostas da pessoa às exigências do meio, sendo muitas vezes no meio em que vive que é reconhecida como deficiente (Saeta & Mckenczie, 1999), o termo de incapacidade, segundo a CIF, é fundamental, visto esta ter uma maior abrangência. Esta situação conduz ao entendimento da influência que o meio pode ter sobre as condições da população e as consequências da deficiência do ponto de vista de rendimento funcional, ou seja, no desempenho das atividades (Farias & Buchalla, 2005, p. 2). É de salientar que se a pessoa estiver num meio propício à diversidade, ou seja, se a restrição de habilidades ocorrer num ambiente recetivo à diversidade, isto pode não levar necessariamente à experiencia da deficiência (Diniz, Squinca & Medeiros, 2007).

A CIF também é importante em estudos sobre incapacidade profissional, quando há a necessidade de relacionar dados de saúde ocupacional com os de previdência social (Faria & Buchalla, 2005, p. 4).

Uma deficiência no funcionamento não provoca necessariamente incapacidade ou obstáculo para a vida ativa, embora a incapacidade tenha a ver com o indivíduo deficiente e com o contexto em que este vive. A sociedade precisa rever as regras do seu funcionamento para que possa existir espaço real para a diversidade e para as diferentes formas de existir dos sujeitos (Mângia, Muramoto & Lacman, 2008). Rieser,

nos seus estudos, foi ainda mais longe, ao estudar as diferenças entre o modelo médico e social da incapacidade, sugerindo que, para se solucionar a incapacidade, se deveria reconstruir a sociedade (Amiralian et al, 2000).

Este foco no contexto para o entendimento da incapacidade está patente na avaliação da mesma. Neste sentido, são consideradas seis áreas importantes para a reprodução social da pessoa: orientação, dependência física, mobilidade, trabalho e integração social e autossuficiência económica (Mângia, Muramoto & Lancman, 2008). Assim, constata-se também que a incapacidade e as barreiras para a vida social são os resultados de uma forma de acolhimento, ou a falta deste, que o ambiente reserva para as pessoas com deficiência (Mângia, Muramoto & Lancman, 2008).

Considerando o caráter mais abrangente do conceito de incapacidade, será este o considerado ao longo deste trabalho quando nos referimos à surdocegueira. Este conceito, por não remeter para um foco no indivíduo, aproxima-nos da temática da inclusão social e para o papel das variáveis no contexto da construção de vida em geral e da carreira em particular que é o foco da presente investigação. Assim, a posição adotada é a da surdocegueira enquanto deficiência que leva à incapacidade. Isto é, o conceito de incapacidade permite ir para lá do conceito de deficiência; se este remete para algo que a pessoa tem, o conceito de incapacidade situa a deficiência no quadro do contexto espacial e temporal em que vive. Neste caso, a surdocegueira também vista como ocorrendo em algum momento da vida e como uma forma de opressão social, de discriminação, ou seja, são as barreiras sociais e atitudinais que incapacitam o individuo deficiente (Sampaio & Luz, 2009, p. 476).

1.1. A inclusão social de pessoas com incapacidade

As pessoas consideradas incapacitadas encontram inúmeros obstáculos na sua vida, tais como usufruir dos seus direitos humanos e liberdades fundamentais, falta de oportunidades profissionais e a exclusão nos sistemas educativos (Mângia, Muramoto & Lancman, 2008). A OMS, aquando da Assembleia Mundial da Saúde em 2005, lançou um documento que estabelece o imperativo de entender o problema da incapacidade como uma responsabilidade social comum e não individual, alertando para a necessidade de promoção e proteção dos direitos humanos das pessoas incapacitadas (OMS, 2006).

É de notar que a literatura sobre a inclusão da pessoa com incapacidade no mundo do trabalho tem vindo a mostrar que muitas das dificuldades associadas a este problema estão em encontrar empregadores disponíveis visto que estes ainda têm

muitas dúvidas face à inclusão das pessoas com incapacidade (Freitas & Marques, 2010).

Acabar com a imagem das pessoas com incapacidade como sendo improdutivas, desprovidas de qualidades e criar o conceito de um indivíduo capaz, produtivo, dotado de qualificação profissional parece ser ainda nos dias de hoje um trabalho árduo e lento, que leva à necessidade de ser compreendido como um compromisso social de diversas áreas quando se pensa em promover condições mais igualitárias para o desenvolvimento humano e, consequentemente, criar condições para que o contexto o qualifique, favorecendo o estabelecimento de interações sociais entre pares, ou seja, entre as pessoas que têm e não têm incapacidade.

A sociedade como um todo tem de se adaptar para incluir todas as "problemáticas" populacionais que se encontrem excluídas socialmente. Deste modo, e tendo em vista este estudo, parte-se aqui de um pressuposto de que o processo de adaptação é bidirecional. Isto é, a sociedade deve facilitar a integração da pessoa com incapacidade mas o indivíduo com incapacidade também deve querer adaptar-se à sociedade.

Segundo Violante e Leite (2011), a inclusão social designa-se como sendo a responsabilidade de uma sociedade em prover condições estruturais, sociais e económicas, para que todos os sujeitos que nela vivam possam exercer os seus direitos e obrigações de cidadãos, de uma forma que permita também prover os ajustes necessários de suprimento às solicitações de todo e qualquer individuo. Uma sociedade inclusiva deve então oferecer uma ampla gama de serviços especializados para atender todas as especificidades das pessoas com incapacidade, pois só assim se poderão reduzir as desigualdades de oportunidades decorrentes das condições adversas que vivem algumas pessoas. Logo, a inclusão deve também prever intervenções decisivas tanto no processo de desenvolvimento das pessoas com incapacidade como no processo de reajuste da realidade social.

1.2 A inclusão socioprofissional da pessoa com incapacidade

A inclusão socioprofissional das pessoas com incapacidade está relacionada com a procura dos mesmos direitos sociais, no que diz respeito ao trabalho, pelo que a preocupação com a colocação das pessoas portadoras de incapacidade no âmbito profissional começou a lançar-se para o meio empresarial a partir da aprovação de leis específicas que tentam assegurar esse direito. Como tal, empresas dos setores publico e privado vão cada vez mais sendo persuadidas a implementar programas

para assegurar o acolhimento à diversidade humana nos locais de trabalho (Silva et al, 2010).

Segundo um estudo de Medeiros (n.d.), as pessoas com incapacidade apresentam-se ainda como uma minoria em *status* e poder de influência social. Logo, é importante perceber como os gestores entendem a incapacidade e as possibilidades de trabalho dessas pessoas para que o processo de inserção na organização aumente, visto que o trabalho não significa exercer apenas uma atividade produtiva, mas também conviver, sentir-se individuo e cidadão. Assim, cabe às organizações do trabalho preocupar-se também com o mundo social do individuo e não só com o produtivo, pelo que se deveriam adaptar as funções às pessoas por meio da utilização de recursos adaptativos e auxiliares facilitadores da inclusão socioprofissional.

Num estudo de Freitas e Marques (2009), salienta-se que as empresas que têm uma perceção positiva do desempenho de pessoas com incapacidade, têm como prática constante ações de adequação relacionadas com as adaptações das condições de trabalho; estas atitudes levam a que aumente a perceção positiva do desempenho das pessoas com incapacidade. Assim, constata-se que práticas de sensibilização e adaptação das condições de trabalho são procedimentos importantes no processo de gestão desse tipo de diversidade nas empresas.

Esta diversidade faz então parte de um contexto organizacional específico, que varia consoante a empresa e depende de várias fatores. Estes podem ser a definição das políticas e estratégias da empresa junto ao mercado e aos funcionários, capital para investimento em modificações das condições de trabalho e vontade política dos dirigentes (Freitas & Marques 2009).

É importante assim salientar que o conceito de diversidade, quando tem em vista pessoas com incapacidade, precisa ter em consideração o contexto histórico e o espaço social em que elas estão inseridas, pois oferecem a possibilidade de classificação, atribuição de caraterísticas distintas e as justificativas para as ações relacionadas com essas pessoas, modificando a relação de forças entre pessoas com e sem incapacidade.

No que respeita às dificuldades de empregabilidade das pessoas com incapacidade, estas assumem maior proporção devido às próprias conceções de incapacidade associadas à condição de deficiente, visto que num mundo em que o emprego remunerado para todos nem sempre é possível, é importante reconhecer a contribuição das pessoas com incapacidade. Um trabalho produtivo e bem remunerado é essencial para a integração socioprofissional das pessoas com incapacidade uma vez que uma atividade paga proporciona à pessoa lucros,

autoestima, integração e a oportunidade de contribuir para a sociedade (Violante & Leite, 2011).

Segundo estes mesmos autores, uma sociedade inclusiva deve gerar condições de trabalho para todos os sujeitos que nela vivem, não admitindo preconceitos, discriminações, barreiras sociais, culturais ou pessoais, de modo a que a inclusão de pessoas com incapacidade no mundo do trabalho reconheça as necessidades individuais próprias da condição de cada indivíduo e assim possibilitar o acesso a todas as instâncias do desenvolvimento social (Violante & Leite, 2011).

Deste modo, é imprescindível que se implementem medidas que contribuam para a inserção de pessoas com incapacidade, que desmistifiquem a ética da caridade, que propiciem adequação das condições e instrumentos de trabalho para oferecer igualdades de oportunidades, que as avaliem pelas suas potencialidades e não pelas suas incapacidades e que considerem o seu trabalho como um recurso real para as organizações trazendo benefícios para a imagem da empresa, tanto sendo do setor publico ou privado, uma vez que estas pessoas são completas no que diz respeito à dignidade e direitos.

A inclusão das pessoas portadoras de incapacidade pressupõe que se implementem medidas a diversos níveis, tais como ao nível arquitetónico (eliminação de barreiras físicas); comunicacional (eliminação de barreiras de comunicação interpessoal); metodológico (eliminação de barreiras nos métodos de estudo, trabalho, entre outros); instrumental (eliminação de barreiras nos instrumentos e ferramentas de trabalho); programático (referente a políticas públicas, normas e regulamentos) e atitudinal (preconceitos, estigmas, discriminação), para que se facilite a igualdade de oportunidades a esta população tão específica que tende ainda a não ser aceite pela sociedade em geral, pelo que se remete também para a necessidade da evolução de mentalidades dos dias de hoje (Reis & Cardoso, 2010; Silva et. al., 2010).

Ao implementar medidas como acima se referiu, estaremos a progredir para a facilitação da integração socioprofissional, ao invés de tomar uma postura de esperar que estas pessoas mudem tentando-se adaptar ao meio envolvente. O que se pretende salientar neste trabalho, para terminar a alusão à integração socioprofissional das pessoas com incapacidade, é que é imprescindível dar atenção a todos os cidadãos e ao direito ao tratamento igualitário, sublinhando que se deve reforçar o direito e o respeito de todas as pessoas, inclusive das pessoas com incapacidade.

Uma vez que, na sociedade atual, muitas pessoas ainda têm crenças ou atitudes que limitam o tipo de oportunidades oferecidas aos indivíduos com incapacidade, e mesmo as politicas ou as leis podem conter disposições que acabam

por excluir essas pessoas, é de grande importância fazer frente a estas barreiras que em grande parte podem reduzir e/ou limitar o acesso ao mundo do trabalho das pessoas com incapacidade, em especial às pessoas portadoras de surdocegueira.

Capitulo II - A Pessoa com Surdocegueira

2.1 A surdocegueira

Antes de nos lançarmos diretamente para uma descrição do que é a incapacidade que se pretende estudar, é importante salientar que a audição é o meio pelo qual o indivíduo entra em contato com o mundo sonoro e com as estruturas da língua que possibilitam o desenvolvimento de um código estruturado, próprio da espécie humana. Por sua vez, a visão permite aos humanos entrar em contato com o mundo visual, ou seja, com a expressão corporal e facial da informação fornecida. A visão e a audição são os dois sentidos de equilíbrio necessários para que a linguagem possa ser processada adequadamente, pois têm grande influência nas relações interpessoais interferindo no desenvolvimento social e emocional (Pinheiro, Wieland & Prochnow, n.d.).

A Surdocegueira é uma incapacidade única que apresenta a perda total e/ou parcial da audição e visão de tal forma que a combinação das duas limitações cria, nos indivíduos, necessidades especiais de comunicação, causando extrema dificuldade na conquista de metas educacionais, vocacionais, sociais, de lazer, do acesso à informação, à cultura e á compreensão do mundo que os rodeia (Reyes, 2004; Samaniego, 2003).

A pessoa surdocega constitui-se enquanto pessoa sem esses dois sentidos tão fundamentais, o que a leva a estar no mundo de uma forma diferente dos que usufruem da visão e da audição, ou daquelas que usufruem apenas de um desses sentidos, podendo ser totalmente surdas e totalmente cegas, ou apresentando resíduos visuais ou auditivos e, dependendo que vê e ouve assim também muda a forma de estar na vida e de se relacionar (Masini, Teodoro, Noronha & Ferraz, 2007). Em termos gerais, as caraterísticas da surdocegueira, resultam da combinação de diferentes variáveis como a etiologia, o tipo e grau das perdas sensoriais, o momento e ordem em que estas surgiram, a existência ou não de défices associados e a estimulação ambiental. Devido às diferentes variáveis acima mencionadas, o grupo de pessoas surdocegas torna-se uma população bastante heterogénea e complexa (Reyes, 2004).

De acordo com a idade e ordem de aparecimento da deficiência, esta população encontra-se dividida em quatro grupos. O Grupo I, constituído pelas pessoas com surdogueira congénita, que inclui indivíduos que nascem com a visão e a audição seriamente afetadas devido a origens pré ou peri natais. Também estão neste grupo aqueles que a adquirem logo após o nascimento, no período em que ainda não

desenvolveram a linguagem. O Grupo II é composto por indivíduos com perda auditiva congénita e a perda da visão adquirida, que reúne indivíduos com deficiência auditiva adquirida à nascença, ou que adquiriram essa deficiência logo após o nascimento e que por causa endógena ou exógena adquirem uma deficiência visual. O Grupo III refere-se a indivíduos com deficiência visual congénita e surdez adquirida. Reúne indivíduos cegos, ou com dificuldades severas de visão adquiridas à nascença e devido a causas endógenas ou exógenas sofreram uma perda total ou parcial da audição num determinado momento da sua vida. Por fim, o Grupo IV, é formado por indivíduos portadores de surdocegueira adquirida, caraterizados por não apresentarem nenhuma incapacidade visual ou auditiva à nascença, mas que ao longo da vida adquirem ambas as deficiências (Samaniego, 2003; Reyes, 2004).

Em relação ao momento da aquisição da surdocegueira, esta pode ser classificada em surdocegueira pré-linguística e surdocegueira pós-linguística. Na primeira, a pré-linguística, a pessoa nasce surdocega ou adquire a surdocegueira antes da aquisição da linguagem. Nestes casos existe pouca discriminação entre a pessoa e o ambiente e esta utiliza também como pontos de contacto o olfato juntamente com o contacto corporal. Na segunda, a pós-linguística, a pessoa adquire a surdocegueira após aquisição da linguagem. Apresenta dificuldades na comunicação diferentes das apresentadas por uma pessoa com surdocegueira pré-linguística. Com estas há que considerar a aceitação emocional envolvida pela perda daquilo que teve, dos sentidos que acabou por perder, passando a experimentar situações não experienciadas anteriormente, como por exemplo os limites e a dependência de recursos para estudar, trabalhar e principalmente para conviver (Masini, Teodoro, Noronha & Ferraz, 2007).

As pessoas surdocegas têm em comum as dificuldades de comunicação, a necessidade de utilizarem o tato como canal prioritário de entrada da informação e a de se adaptarem emocionalmente aos seus défices sensoriais. Esses défices têm implicações diretas na sua forma de percecionarem o mundo que as rodeia, de aprenderem, de se relacionarem com o meio envolvente, de estabelecerem e manterem relações com os outros. Assim sendo, todas as etapas do seu desenvolvimento são significativamente afetadas (Samaniego, 2004).

Ao olharmos para as consequências mais imediatas, verificamos então que, dependendo do nível da deficiência e das limitações sensoriais, a perceção do mundo se reduz à informação que chega através das mãos ou através dos resíduos sensoriais existentes; o *input* fragmentado da informação impede uma progressão linear do desenvolvimento; o esforço exigido pelo fato de a comunicação se reduzir ao

tato, torna mais lento o progresso, o que pode levar a um maior isolamento e solidão, podendo até, em casos extremos, levar à perda do sentido da realidade. A forma de aprendizagem é condicionada, bem como a aquisição de conhecimentos, sobretudo nos casos em que a surdocegueira é congénita ou adquirida em fases precoces; verifica-se um impedimento do desenvolvimento sensorial normal, sendo este habitualmente realizado por observação e imitação; há limitações no grau de autonomia e independência do indivíduo, na comunicação, orientação e mobilidade. Seria desejável a existência de um meio ambiente que proporcionasse estímulos e experiências necessárias para um eficaz desenvolvimento cognitivo, tais como, a necessidade de adaptação emocional à sua condição e a criação de estratégias cognitivas que a facultem (Samaniego, 2004). No entanto, estas pessoas apresentam inúmeras dificuldades que podem ser minimizadas, tais como as de comunicação, acesso à informação, de orientação e de interação com o mundo, podendo ser utilizadas diferentes técnicas de comunicação, dependendo em grande medida das suas potencialidades e de quando adquiriu a sua deficiência. Segundo Erikson (2002), a pessoa com surdocegueira pode comunicar através de sinais visuais, quando a perda da visão não é total, ou tátil (conversação de sinais através do toque), tadoma (compreensão das palavras através da perceção da vibração da voz, através do toque próximo dos lábios ou das cordas vocais) e alfabeto manual digital (desenho das letras do alfabeto na palma da mão) (Masini, Teodoro, Noronha & Ferraz, 2007).

Segundo o que já foi referido acima, é de salientar que as causas podem ser diversas, tendo sido, até 1990, a rubéola a causa maior da incidência desta deficiência que**,** com a efetivação da vacina se modificou como a causa principal. Para além desta, existem diversas causas, sendo elas pré-natais, perinatais ou pós-natais, sendo as infeções intrauterinas, hábitos maternos inadequados, desordens genéticas, traumatismos, prematuridade e as meningites as mais frequentes, havendo também causas ainda desconhecidas (Arias, Zeferino & Filho, 2006).

Em relação às causas pré-natais, a perda de visão e audição em simultâneo são caraterísticas de diferentes síndromas e doenças congénitas, que frequentemente surgem durante o desenvolvimento embrionário. Durante o nascimento, os fatores perinatais que podem originar a aquisição da surdocegueira são, por exemplo, a falta de oxigénio e a prematuridade. As causas pós-natais, após o nascimento, podem ser muito diversas.

Ser surdocego não implica necessariamente que tenha ausência total de visão ou de audição. Existem indivíduos que são abrangidos por esta definição embora apresentem alguns resíduos visuais e/ou auditivos, sendo divididas em quatro grupos,

podendo ser de diferentes tipos, como atrás se referiu: Surdocegos congénitos; Surdos congénitos com cegueira adquirida; Cegos congénitos com surdez adquirida e Surdocegos adquiridos.

Pode afirmar-se então que as pessoas surdocegas não constituem um grupo homogéneo de baixa incidência e de alta intensidade; cada um destes grupos mencionados requer uma metodologia de intervenção própria, em que o ritmo e a motivação de cada um são fatores determinantes e fundamentais na elaboração de um programa de intervenção.

As causas mais comuns de surdogueria congénita são a embriopatia de rubéola, a retinopatia da prematuridade, a desordem genética, a incompatibilidade sanguínea/consanguinidade, traumatismos perinatais (anoxia e hipoxia), devido a mães alcoólicas, mães toxicodependentes, mães fumadoras, citomegalovirus, microcefalia, sífilis congénita, pré-eclanpsia e eclampsia, algumas síndromes (Charge, Usher, Crytophtalmos, Rett, trissomias), tuberculose, herpes, AVC; enquanto que as causas dos cegos congénitos que adquirem surdez são mais devido a meningites, encefalites, sarampo, papeira, varicela (doenças que causam febres altas), diabetes, traumatismos, fatores genéticos, perda de audição associada ao envelhecimento, problemas ambientais (poluição, ruído); as causas dos surdos congénitos que adquirem cegueira são devido a síndroma de Usher tipo I (retinopatia pigmentar), regeneração macular, retinopatia diabética, cataratas, glaucoma, deslocamento da retina (traumatismos e intervenções cirúrgicas); e por fim, os surdocegos adquiridos têm causas como síndroma de Usher tipo II (perda auditiva congénita, média a severa associada a retinopatia pigmentar), diabetes, meningite, medicação ototóxica, acidentes, traumatismos, tumorações.

2.2 A intervenção com a pessoa surdocega

Os aspetos mais importantes na intervenção junto das pessoas surdocegas, são a necessidade de desenvolver competências no reportório comunicativo e a de utilizar o sentido do tato como canal principal de entrada de informação como forma de compensar as consequências resultantes das perdas sensoriais (audição e visão). Este tipo de intervenção exige, habitualmente, a necessidade de uma intervenção multidisciplinar (Samaniego, 2004, 2003).

Tendo em conta os fatores determinantes e as variáveis mais significativas da surdocegueira, os objetivos da intervenção devem basear-se na história pessoal do indivíduo, ao nível de funcionamento, dos interesses, necessidades e capacidades que possuí (Samaniego, 2003). Os principais objetivos da intervenção psicológica com a

pessoa surdocega são**:** desenvolver a sua autoestima; intervir na forma de atuação dos que a rodeiam, no sentido de a pessoa dispor de informação para prever, planificar e decidir as suas ações; ajudar no processo de aceitação e adaptação, potenciando no indivíduo estratégias que atenuem as suas restrições; proporcionar informação das implicações da surdocegueira que ajudem na compreensão das reações dos outros; facilitar a participação do individuo em todos os contextos da sua vida pessoal e social, potenciando o uso de sistemas de comunicação e de ajudas técnicas; reforçar a confiança em si mesmo para favorecer a autonomia; recomendar e orientar recursos que facilitem a integração social e, por último, potenciar o individuo de estratégias e recursos pessoais que permitam o relacionamento com os outros (Samaniego, 2003).

Capítulo III - A integração socioprofissional da pessoa com surdocegueira

3.1 A questão da integração

Como já foi referido no primeiro capítulo, a sociedade atual ainda tem dificuldades em aceitar totalmente as pessoas com incapacidade. Essa falta de aceitação contribui para muitas das barreiras à sua integração social e profissional. Apesar dos avanços que têm ocorrido na integração das pessoas com incapacidade, da evolução nas medidas para facilitar essa integração, ainda há muito para fazer. De facto, ainda existem muitas situações de pessoas com incapacidade sem possibilidade de aceder a serviços de reabilitação, sem oportunidade de integrar o sistema de ensino, ou o mercado de trabalho, ou até mesmo de participar em atividades sociais dadas as barreiras que se lhes apresentam. A necessidade de se continuar a falar de integração socioprofissional significa que essa integração está ainda longe de ser uma realidade.

Uma das barreiras que se apresentam com maior peso e que já foi antes mencionada, prende-se com o facto de os empregadores não acreditarem que vale apostar no trabalho das pessoas com incapacidade, como referem os estudos de Freitas e Marques (2010) sobre a inserção de pessoas com deficiência em organizações brasileiras, realizado a empresas socialmente responsáveis. Estudo este que, para além de mostrar que os empregadores ainda têm as suas dúvidas em empregar pessoas com incapacidade, mostra também que a perceção que existe do bom desempenho das pessoas com incapacidade e as adaptações das condições de trabalho realizado é positivo.

Apesar de a legislação assegurar às pessoas com incapacidade certo número de postos de trabalho nas empresas, no setor publico como no setor privado, a sua integração real é ainda muito reduzida na atualidade (Romita, 2007).

Em Portugal, as pessoas com incapacidade podem estar abrangidas pelo Regime de Emprego Protegido, cujos objetivos são: 1) proporcionar formação a todas as pessoas com deficiência que possuam capacidade média de trabalho igual ou superior a um terço da capacidade normal, exigida a um trabalhador não deficiente no mesmo posto de trabalho de forma a possibilitar a sua integração social e económica, a desenvolver as suas competências profissionais e a aumentar a sua capacidade de competir no mercado normal de trabalho; 2) celebrar com a pessoa com deficiência um contrato de trabalho, proporcionando-lhe um estatuto de trabalhador e uma situação de emprego estável e; 3) promover sempre que possível a transição dos

trabalhadores em regime de emprego protegido para o mercado normal de trabalho (Mercado Social de Emprego MSE, 1996).

O Decreto-lei n.º 40/83, de 25 de Janeiro, define emprego protegido no art.1º. como sendo *"toda a atividade útil e remunerada que, integrada no conjunto da atividade económica nacional e beneficiando das medidas especiais de apoio por parte do estado, visa assegurar a valorização pessoal e profissional das pessoas deficientes, facilitando a sua passagem, quando possível, para um emprego não protegido"* (Romita, 2007, p. 5).

No caso das pessoas com surdocegueira, não é possível suprimir em absoluto o isolamento face às ofertas profissionais, escolares e relações sociais em que se encontram estas pessoas. No entanto, é de referir que a intervenção sistematizada e tão precoce quanto possível atendendo às especificidades que estas pessoas apresentam ajuda a reduzir a escassez de oportunidades com que se debatem no seu dia-a-dia.

Haverá ainda que assinalar que alguns indivíduos surdocegos com outras deficiências associadas podem apresentar ainda maiores dificuldades de adaptação e integração social (Ministério da Educação, 2006). Como é o caso das pessoas com múltipla deficiência sensorial, que apresentam deficiência visual e auditiva associada a outras condições de comportamento e comprometimentos (físicos, intelectuais ou emocionais) e dificuldades de aprendizagem (Ministério da Educação, 2006).

Saliente-se que, quando alguém tem limitações num dos seus sentidos de perceção do mundo, o seu desenvolvimento e aprendizagens vão ser realizados de forma singular e tendo como base essa incapacidade. (Ministério da Educação, 2006). Sabemos que o processo de aprendizagem, ocorre por repetição e estimulação orientada em contextos naturais, e tendo em conta que a surdocegueira interfere na capacidade de aprendizagem espontânea e na capacidade de imitação, as pessoas portadoras desta incapacidade necessitam de apoio específico para interagir com o meio ambiente de uma forma expressamente comunicativa, até porque têm uma perceção distorcida do mundo, incapacidade para anteciparem eventos, ou até mesmo o resultado das suas ações. Tal acontece porque são muitas vezes privadas de estímulos exteriores, logo, é essencial que desenvolvam um estilo de aprendizagem que auxilie a incapacidade de que são portadores (Arias, Zeferino & Filho, 2006).

As crianças com múltipla deficiência sensorial têm uma variedade de necessidades específicas, precisando ser encorajadas a desenvolver um estilo próprio de aprendizagem para compensar as suas dificuldades sensoriais e também poderem estabelecer e manter relações interpessoais (Ministério da Educação, 2006).

Segundo o Ministério da Educação (2006), as crianças que apresentam graves comprometimentos múltiplos, geralmente tendem a apresentar mais dificuldades em entender as rotinas diárias, os gestos, ou outras habilidades da comunicação ou da linguagem, demonstram também dificuldades acentuadas no reconhecimento das pessoas significativas no seu ambiente, realizam movimentos corporais sem propósitos e apresentam ainda respostas mínimas a barulho, movimentos, toques, odores ou outros estímulos.

Em todos os casos e/ou tipos de surdocegueira, ou idade em que se adquiriu a mesma, a dificuldade de acesso à informação é acrescida comparativamente com as pessoas sem estas condições, bem como a comunicação que é uma das primeiras e principais dificuldades das pessoas com esta incapacidade que como se pode prever levam a uma integração mais deficitária na sociedade e no mundo do trabalho.

Como referem Cambruzzi e Costa (2007), a surdocegueira provoca um enorme impacto na vida de uma pessoa, uma vez que limita o acesso da mesma à comunicação, à mobilidade e ao conhecimento, visto que as oportunidades que se lhes apresentam para conhecer o seu meio são menores, vivendo assim num mundo inconsistente (Cambruzzi & Costa, 2007).

No entanto, é importante ter conhecimento das possibilidades intelectuais das pessoas surdocegas, uma vez que não é certo supor que pessoas com esta deficiência estão completa e definitivamente isoladas do mundo que as rodeia, pois os restantes sentidos e uma educação apropriada podem ajudar e até vencer as dificuldades inerentes a um isolamento (Baptista, 1980).

Como salientam também Vieira e Pereira (2010), as potencialidades e capacidades dos seres Humanos são muito mais poderosas e determinantes do que as suas incapacidades e limitações, embora para a integração das pessoas com incapacidade existam ainda muitos medos e ignorâncias a ultrapassar.

Se refletirmos sobre isto, quando uma pessoa não usufrui de um dos seus sentidos, é de notar a exploração mais acentuada que irá fazer dos seus sentidos restantes. Por exemplo, as pessoas com surdocegueira guiam-se pelas impressões táteis e olfativas. É ilustrativo o caso de Helen Keller que reconhecia as pessoas pelo cheiro. (Baptista, 1980). No entanto, é de notar que a surdocegueira levanta, à normalização do individuo, obstáculos muito difíceis de transpor, pois é certo que a falta de audição dificulta a aquisição da linguagem, e a falta de visão restringe-lhe, por exemplo, as possibilidades de deslocação autónoma, o que pode levar o individuo surdocego a isolar-se gravemente da sociedade se não obtiver uma estimulação adequada e intervenção o mais precoce possível (Baptista, 1980).

Se a comunicação e a interação com o meio envolvente permitem aceder à aprendizagem, se é pela comunicação que o ser humano expressa as suas necessidades, desejos e recebe informação necessária ao seu desenvolvimento então, quando estes sentidos se encontram comprometidos, evidentemente que todo e qualquer ser humano vai ter dificuldades no seu desenvolvimento pleno, sentindo-se tais dificuldades como barreiras e / ou obstáculos à sua integração na sociedade muito construída para bons ouvintes e melhores videntes.

Para Ferreira (2010), a incapacidade é a impossibilidade de uma pessoa interagir com a sociedade em total autonomia porque essa mesma sociedade não apresenta as condições necessárias para que a pessoa viva e atue em igualdade de circunstâncias com os outros que a rodeiam, ou seja, no caso das pessoas com cegueira, são pessoas que têm a sua condição de deficiente devido à sua caraterística e por serem portadores de uma incapacidade que é potenciada por a sociedade não lhe apresentar os equipamentos necessários que lhe permitam ser totalmente autónomo na sua vida diária, social e profissional (Ferreira, 2010).

Relativamente à surdocegueira, esta não é simplesmente a soma de duas deficiências, mas sim uma dificuldade com caraterísticas únicas que deve ser tratada de modo especial, devido às dificuldades que as pessoas surdocegas têm para contatar com o mundo envolvente e conseguir, por sua vez, inserir-se nele (Aráoz, 1999).

A comunicação parece ser então uma das primeiras e principais dificuldades das pessoas com surdocegueira. Visto que, segundo Aráoz (1999), o fato de não usufruir dos sentidos de visão e audição, a pessoa surdocega encontra-se com dificuldades graves no seu relacionamento com o mundo, e se depender do tato perde os estímulos mais comuns do convívio social, pelo que leva à necessidade de auxílio especializado que compreenda esta situação e o ajude a providenciar meios de interação com os outros. A aprendizagem dos meios de comunicação alternativa têm de ser entendidos em duas frentes: a da pessoa com a dificuldade de comunicação e a outra que, não tendo dificuldades de comunicação com falantes e videntes, não consegue comunicar com os surdocegos.

É de salientar que alguns surdocegos podem progredir na aquisição da cultura, enquanto outros acabam por estacar nas simples atividades básicas de socialização, mas todos precisam de apoio comunitário, especificamente fornecido pelos sistemas de comunicação alternativos ou adaptados a si (Aráoz, 1999). Por outro lado, existem pessoas que por já possuírem experiencias profissionais antes da incapacidade, estão dotadas de competências pessoais e sociais facilitadoras de adaptação ao posto de

trabalho. Nestes casos, importa flexibilizar as estratégias que passará a utilizar para cumprir as atividades de que está incumbida.

Assim, e na caraterização da surdez, cegueira e surdocegueira, importa salientar que cada pessoa deverá ser entendida na sua individualidade, situada na sua história pessoal, no seu percurso mais ou menos sinuoso. As suas competências dependerão em parte da sua resiliência e acima de tudo das oportunidades que teve para demonstrar que o caminho que percorre para atingir os seus objetivos pode ser diferente do dos demais. O "como" pode variar, mas o "o quê" pode manter-se.

No entanto, e como já foi referido no capítulo anterior, o atendimento irá depender do grupo em que se insere a pessoa portadora desta incapacidade única, sendo eles: o grupo dos surdocegos congénitos; grupo dos que nascem com surdez congénita e perdem depois a visão; o grupo daqueles que nascem com cegueira congénita e perdem posteriormente a audição, e finalmente o grupo dos surdocegos que adquirem as dificuldades visuais e auditivas já na vida adulta. Qualquer intervenção deverá considerar as especificidades destas pessoas de modo a atender às suas necessidades (Aráoz, 1999).

Reyes (1997), salienta que as pessoas surdocegas, mesmo aquelas com surdocegueira congénita, vivem integradas nas suas famílias, e em muitos casos, integram-se na comunidade através do lazer e/ou do trabalho.

3.2 A integração Socioprofissional

A integração socioprofissional de pessoas com incapacidades é uma tarefa difícil e complexa que nos atuais contextos de recessão económica ainda se torna mais difícil. Este trabalho deve ter como objetivo supremo criar condições que permitam à pessoa com incapacidade o exercício pleno dos seus direitos de cidadania. Trata-se de abordagens que devem garantir: 1) a igualdade de oportunidades no acesso ao Sistema Nacional de Qualificações (SNQ); 2) a igualdade de oportunidades de acesso às profissões e às condições de empregabilidade; e 3) a conquista de um lugar no mercado de trabalho através dos instrumentos que facilitam a inserção profissional por via de formação e/ou da validação e certificação das competências adquiridas em diferentes contextos (Seminário Pedagógico, 2010).

No que se refere ao trabalho de integração socioprofissional de pessoas com surdocegueira em Portugal, é importante mencionar (para melhor compreender a temática tão complexa desta incapacidade) que apenas uma única instituição se direciona para as pessoas portadoras de surdocegueira no nosso país. Instituição pertencente à Casa Pia de Lisboa, criada em 1996, de seu nome Centro de Educação

e Desenvolvimento António Aurélio da Costa Ferreira (CED AACF), cuja missão é integrar pessoas surdas, cegas e surdocegas, desenvolvendo também programas de reabilitação, formação e integração de crianças, jovens e adultos visando a sua integração educativa, profissional e social (Regulamento Interno do CED AACF, 2008).

A relevância deste CED para o estudo em questão, prende-se com o fato de ser o único local em Portugal direcionado para dar respostas às necessidades sociais e profissionais das pessoas portadoras desta incapacidade única e estabelecer protocolos com hospitais, escolas e associações e também por divulgar informação relativa à surdocegueira. Para além disso, na área da infância e juventude visa a integração de crianças e jovens com incapacidade, assegura um Centro de Atendimento, Avaliação, Diagnóstico e Encaminhamento (CAADE); garante a Intervenção precoce; funciona como lar de apoio e acolhimento familiar. Por outro lado, na área da população adulta, o CED responsabiliza-se por um Lar Residencial; Apoio Domiciliário e ambulatório e um Centro de Novas Oportunidades (Regulamento Interno do CED, 2008).

Este Centro de Novas Oportunidades (CNO), inaugurado a 3 de Julho de 2007, surgiu da celebração de um protocolo em 2006, entre o Ministério da Educação (DGFV e DGIDC), Instituto Nacional para a Reabilitação (INR), Associação de Cegos e Ambliopes de Portugal (ACAPO), Associação Portuguesa de Surdos (APS) e Instituto do Emprego e Formação Profissional (IEFP), uma vez que no CED AACF, sempre se interveio com pessoas adultas, o CNO foi criado exclusivamente com o objetivo de ajudar essas pessoas surdocegas adultas (Seminário Pedagógico, 2010).

O CNO surge como uma resposta de abrangência nacional, cujo objetivo de promover o Reconhecimento, Validação, Certificação de Competências em igualdade de oportunidades para pessoas com alterações nas estruturas e funções do corpo relacionadas com a audição e/ou visão (surdas, cegas, com baixa visão, ou surdocegas), assegurando a que todas as pessoas maiores de 18 anos, tenham possibilidade de elevar os seus níveis de qualificação escolar, de acordo com as suas circunstâncias pessoais e/ou profissionais, necessidades e motivação, com o objetivo de obter uma certificação de nível básico ou secundário (Regulamento Interno do CED, 2008).

Para alem disto, identifica necessidades formativas especificas que possam vir a ser desenvolvidas pela entidade promotora do CNO, e que saiam do âmbito de cursos já existentes, de modo a colmatar lacunas ao nível da formação destas pessoas, intervindo-se nos fatores ambientais que restringem a participação das mesmas.

Importante é ainda salientar que o CED AACF, tem a seu cargo o SAPSA, (Serviço de Apoio à Pessoa Surdocega Adulta) que faculta atendimento individualizado a nível nacional a todas as solicitações de pessoas surdocegas adultas, das suas famílias, das instituições e das entidades empregadoras, na procura das soluções mais adequadas a este tipo de problemática. Apoiando ao nível da adaptação e conversão de espaços residenciais; encaminhamento e acompanhamento ao nível da saúde; desenvolvimento e adaptação de meios alternativos de comunicação; desenvolvimento de programas de orientação e mobilidade; criação, adaptação e reestruturação do posto de trabalho; aperfeiçoamento de projetos específicos junto dos técnicos e entidades locais; expansão de competências sociais e pessoais e; integração e/ou reintegração da pessoa surdocega no mercado do trabalho (Regulamento Interno do CED, 2008).

Por fim, e após a revisão de literatura, é de salientar que, e nas palavras de Vieira e Pereira (2010), *"o direito à integração começa a ser um valor acrescido por um número crescente de cidadãos e instituições sociais, numa linha de defesa de direitos e valores fundamentais inerentes à condição humana que só poderão enriquecer material e moralmente as comunidades integradoras e a sociedade em geral"* (p. 19).

Como temos vindo a referir, um importante contributo para facilitar a integração socioprofissional destas pessoas é através do conhecimento das suas experiências, nomeadamente através do entendimento do significado do trabalho na sua vida bem como o entendimento dos fatores e processos de construção de carreira. No quadro epistemológico do construcionismo social a Teoria de Construção de Careira (Savickas, 2005) oferece possibilidades nesse sentido, tal como seguidamente se desenvolve.

Capítulo IV - Teoria da Construção de Carreira e o desenvolvimento de projetos de vida de pessoas com incapacidade

4.1 A Teoria da Construção de Carreira

No passado, devido à diversificação do trabalho assalariado, houve necessidade de auxiliar as pessoas a encontrarem um emprego embora estas pudessem escolher um que lhes fosse conveniente; atualmente as perspetivas profissionais encontram-se menos definidas porque as mudanças na sociedade levaram a que os trabalhadores dominem competências e capacidades bastante diferentes do que era exigido no século passado. As carreiras das pessoas tornaram-se cada vez mais imprevisíveis, o desemprego e a precariedade no emprego são cada vez mais regra do que a exceção. Se a carreira começa a ter novos padrões o mesmo acontece com a natureza do trabalho. Cada vez mais o trabalho é pautado pela inovação tecnológica e pelo conhecimento. Este conjunto de mudanças torna-se um desafio para todos, especialmente, para as pessoas portadoras de incapacidade.

Para fazer face à nova realidade, emergiram novos conceitos de entre os quais os de flexibilidade, adaptabilidade e a aprendizagem ao longo da vida são exemplos.

Na atualidade, as pessoas procuram ajuda para lidarem com as rápidas mudanças, para a procura de empregos e também para reforçarem as suas competências sociais. Enquanto no século XX as carreiras eram delineadas pelas normas da sociedade (educação, trabalho, família) na atualidade muito se alterou, embora as pessoas mantenham sempre o seu reconhecimento social (Savickas, et. al, 2009).

A Teoria da Construção de Carreira (TCC: Savickas, 2005) é de fundamental importância, pois apresenta-nos um modelo para compreender o comportamento vocacional em todo o ciclo da vida, bem como novos conceitos e práticas que facilitem a intervenção nos atuais contextos de mudança. Trata-se de uma teoria que valoriza os processos interpretativos e interpessoais através dos quais as pessoas impõem um significado e direção ao seu comportamento vocacional (Savickas, 2005). Baseada nos modelos do século XX, a Teoria de Construção de Carreira (TCC) de Savickas, mantém e renova os melhores conceitos e pesquisas dessa época. Savickas inspirou-se nesse modelo desenvolvimental da carreira de Super (1990) para o atualizar de acordo com as exigências da atual sociedade multicultural e de economia global. Isto porque, tendo em conta que a sociedade atual é fortemente caraterizada pela tecnologia que influência todo o tipo de trabalho, pela multiculturalidade e pelo desemprego e precariedade do trabalho, adverte-se para a necessidade de ajudar as

pessoas a criar um significado para a sua vida (Amundson, 2005). É de notar que as mudanças económicas, sociais e politicas afetam sempre as pessoas no que diz respeito a desemprego, à qualidade de vida, transições da escola para o emprego, ocupações de tempos livres, entre outros fatores. Isto leva a novas perspetivas sobre a orientação da carreira.

Tendo sido discípulo de Donald Super - que foi um dos autores da psicologia da carreira, cujos estudos obtiveram o impacto mais significativo, tendo-se tornado no modelo teórico de referência para pesquisas de cariz desenvolvimental - Savickas inspirou-se na perspetiva desenvolvimentista de Super, na perspetiva integrativa da personalidade de McAdams (McAdams & Pals, 2006) e no construcionismo social para adequar a perspetiva desenvolvimentista da carreira à contemporaneidade (Savickas 2005, 2002).

No quadro do construcionismo social, a TCC preconiza que as pessoas constroem significados da realidade em que se situam, pelo que as práticas devem focar-se, fundamentalmente, no significado que as pessoas atribuem à carreira. Isto é, ajudá-las a tornar o trabalho mais significativo, a considerarem, além do retorno económico do trabalho, outro tipo de necessidades que o mesmo permite resolver, ajudar as pessoas a equilibrarem as suas responsabilidades entre família e trabalho, bem como auxilia-las a procurar as melhores formas de implementarem os seus autoconceitos através de um projeto de vida.

Mark Savickas, refere que continua a ser fulcral os profissionais de orientação vocacional ou de desenvolvimento da carreira terem um novo olhar sobre o atual período de transformações que caraterizam as sociedades, uma vez que o próprio conceito de carreira sofreu uma grande transformação num curto período de tempo (Gonçalves, 2007).

4.1.1. A TCC: a perspetiva integrativa do comportamento vocacional

A Teoria da Construção de Carreira, inspira-se na perspetiva integrativa da personalidade de McAdams (McAdams & Pals, 2006) e, assim, também consegue integrar três perspetivas sobre o comportamento profissional: a diferencial, a desenvolvimentista e a dinâmica. A primeira, diferencial, relaciona os tipos de personalidade profissional com as preferências pessoais.

A segunda perspetiva, refere-se aos processos de adaptação individual, à forma como as pessoas lidam com as tarefas de desenvolvimento profissional, transições ocupacionais e traumas de trabalho. No que concerne à terceira perspetiva, esta pretende examinar a dinâmica pela qual os temas de vida impõem significado

sobre o comportamento profissional e porque razão as pessoas ajustam o seu trabalho às suas vidas. Articulando-se, estas perspetivas permitem uma visão integrada do processo pelo qual as pessoas constroem as suas carreiras. Isto é, como usam os temas de vida para integrar a auto-organização da personalidade e os mecanismos da adaptabilidade num processo que permita a definição de uma identidade suficientemente coerente para orientar a escolha profissional e a construção da carreira.

Para uma melhor compreensão da TCC é importante referir e explicar as perspetivas que a constituem e que, como já foi anteriormente referido, incorporam os tipos de personalidade, a adaptabilidade à carreira, e os temas de vida para explicar o comportamento vocacional.

Nível dos traços de personalidade (O quê) - Savickas integrou o modelo de John Holland sobre tipos de personalidade para explicar este nível (Gonçalves, 2007). A Teoria de Holland centra-se nos conceitos da satisfação vocacional, estabilidade e realização as quais dependem do ajustamento entre a personalidade da pessoa e o meio ambiente em que este trabalha (Holland, 1973). A sua Teoria considera então que, na nossa cultura, as pessoas podem ser categorizadas de acordo com seis grandes tipos de personalidade: Realista, Intelectual, Artístico, Social, Empreendedor e Convencional (Modelo RIASEC). Outro pressuposto desta teoria é o facto de que existem também seis tipos de ambientes com a mesma designação das personalidades. As pessoas procuram ambientes onde possam exercitar as suas aptidões, competências, expressar as suas atitudes e valores e assumir problemas e papéis que lhes sejam agradáveis. O comportamento das pessoas é determinado então por uma interação entre a sua personalidade e as caraterísticas do meio ambiente (Holland, 1973, 1985). Deste modo, o modelo RIASEC de Holland, composto por traços complexos organizados em tipos, é uma abordagem útil para avaliar as diferenças individuais e para descrever os grupos ocupacionais.

Para Savickas (2005) os tipos de personalidade definidos por Holland podem, numa perspetiva construtivista, corresponder a seis tipos de autoconceitos: o que faz (R), o que pensa (I), o que cria (A), o que ajuda (S), o que influencia (E) e o que organiza (C). Neste caso, Savickas (1998) considera que o individuo tem uma representação múltipla de si. O desenvolvimento destas caraterísticas, tal como dos tipos de personalidade faz-se na interação com o meio, desde a família, a escola, e a comunidade mais alargada. Tal como os tipos de personalidade, também

determinadas facetas do autoconceito têm mais saliência em função das várias atividades e papeis onde foram ensaiados.

Deste modo, o modelo RIASEC de Holland, composto por traços complexos organizados em tipos, é uma abordagem útil para avaliar as diferenças individuais e para descrever os grupos ocupacionais. Embora não seja uma abordagem que sirva para reconhecer o significado da experiência subjetiva ou para procurar compreender o comportamento do ponto de vista da própria pessoa (Savickas, 2005). Para explicar esse aspeto há que considerar os outros dois níveis da teoria da construção de carreira, que passamos a citar.

Nível dos processos adaptativos (Como?) – a Teoria da Construção da Carreira prefere compreender os interesses e outras carreiras relacionadas com traços como sendo estratégias de adaptação e não como estáticas. Para explicar os processos de adaptação do indivíduo aos desafios da carreira Savickas (2005) introduz o constructo de adaptabilidade. Este tem a ver com as atitudes, competências e comportamentos que as pessoas utilizam para se enquadrarem no trabalho que lhes convém.

Se pensarmos na construção da carreira como uma série de tentativas para executar um autoconceito de papéis sociais, a sua atenção centra-se na adaptação de um conjunto de transições. Transições, como por exemplo, da escola para o trabalho; de um emprego para outro e de uma ocupação para outra ocupação. Isto é, a série de transições deve ser progressiva, através de sucessivas aproximações, na busca de um melhor ajustamento ao trabalho e, desta forma, implementar o autoconceito. No domínio da carreira, estes processos adaptativos são operacionalizados pelo construto de adaptabilidade na carreira. A adaptabilidade na carreira carateriza-se por quatro dimensões:

Preocupação – a preocupação é a primeira dimensão da adaptabilidade à carreira e a mais importante, visto tratar-se da preocupação do indivíduo com o seu futuro. A sua função essencial reflete-se pelo lugar principal que lhes é dado pelas proeminentes teorias do desenvolvimento vocacional. Esta dimensão tem a ver com possuir orientação temporal de futuro, no sentido em que a pessoa consegue perspetivar e planear o seu futuro. A dimensão da preocupação com a carreira auxilia as pessoas a lembrarem-se do seu passado vocacional, a considerarem a sua carreira no presente e a antecipar o futuro vocacional. Assim compreende-se que a falta de preocupação com a carreira leve à indiferença, falta de planeamento e/ou pessimismo das pessoas acerca do futuro.

Controlo – é a segunda dimensão da adaptabilidade à carreira, ou seja, é o controlo que os indivíduos exercem sobre o seu próprio futuro. A função essencial do controlo reflete-se entre a extensa pesquisa em pontos como tomar decisões, a assertividade, a autonomia, a determinação do self, a aplicação dos atributos e a agência. O controlo de carreira significa portanto que as pessoas sentem e acreditam que são responsáveis pela construção das suas carreiras. Deste modo, o fortalecimento de crenças e de competências de controlo da carreira proporcionam a curiosidade sobre possíveis selfs e futuras alternativas.

Curiosidade – é a terceira dimensão da adaptabilidade à carreira que através do controlo promove a iniciativa para aprender sobre os tipos de trabalho que cada um poderá querer fazer e as oportunidades ocupacionais para o mesmo. A curiosidade não tem a ver só com a exploração das oportunidades escolares e profissionais mas também com a exploração de si, com a promoção do autoconhecimento ao nível dos interesses, capacidades, valores, entre outros.

A curiosidade permite o conhecimento fundamental para o sujeito fazer as suas escolhas e, assim, conseguir implementar o autoconceito nos diferentes papéis que a carreira implica. É de salientar que as atitudes de curiosidade levam a que os indivíduos analisem e ou observem o meio ambiente, para poderem assim aprender mais sobre o self e as situações que os envolvem.

A falta de curiosidade de carreira pode levar à falta de conhecimento do mundo, de si e do trabalho. O facto de as pessoas não terem uma visão correta do mundo envolvente do trabalho, leva a intervenções de carreira que se destinam a facultar informação, intervenções estas direcionadas à clarificação de valores, a discutir recompensas extrínsecas e intrínsecas, a ensinar as pessoas como explorar o mundo do trabalho envolvente, entre outras.

Confiança – é a quarta e última dimensão da adaptabilidade na carreira. Tem a ver com a confiança para fazerem o que quer que seja preciso, para controlar os problemas que advém das escolhas da carreira, lidar com as barreiras ao desenvolvimento de carreira. A confiança reflete-se na autoestima, autoeficácia, pelo que se trata de uma dimensão que surge da resolução de problemas enfrentados pelas pessoas nas atividades do seu dia-a-dia, da vontade das pessoas para explorarem e realizarem mais reforçando a sua confiança.

Por outro lado, quando existe falta de confiança na carreira, esta falta pode resultar numa inibição da carreira que leva à frustração de as pessoas atualizarem os papéis e a alcançarem os objetivos a que se dispõem ou não realizar. As intervenções de aconselhamento de carreira levam à construção da autoconfiança através da

dimensão relacional do próprio aconselhamento, ajudando os indivíduos a focarem-se naquilo que querem fazer e promovendo as competências para a resolução de problemas.

Sintetizando, a importância das dimensões da adaptabilidade no desenvolvimento de carreira Savickas (2005), refere que uma pessoa é suficientemente adaptativa quando se torna preocupada com o seu futuro profissional, quando aumenta o controlo pessoal sobre o seu futuro profissional, quando revela curiosidade e explora as situações futuras que sejam possíveis e por fim, quando há um reforço de confiança para ir atrás das suas pretensões e objetivos futuros.

Nível dos temas de vida (Porquê?) – na matriz epistemológica do construcionismo social, onde se situa a Teoria da Construção de Carreira, considera-se que as pessoas organizam a natureza caótica e plural da sua experiência através de narrativas que relevam da sua própria experiência de relação com outros (Cardoso, submetido a publicação). Estas histórias proporcionam continuidade, coerência e singularidade às suas práticas sociais – a sua identidade narrativa (McAdams, 1993). A grande narrativa, que é a história de vida de cada um, organiza-se assim em torno do que se repete: os temas de vida. Para Csikszentmihalyi e Beattie (1979) são *" a problem or set of problems which a person wishes to solve above everything else and the means the person finds to achieve the solution*" (p. 48).O conceito do tema de vida, por sua vez, discute o assunto de vida no trabalho, centrando-se no porquê do comportamento vocacional. Sendo que o tema é o que importa na historia de vida de uma pessoa. Ajudar as pessoas a identificar os seus temas de vida é ajudá-las a construir significado para a sua vida. É importante para os indivíduos na medida em que lhes permite também perceber o significado do trabalho nas suas vidas.

Os temas de vida permitem a construção desse significado porque, ao repetirem-se ao longo da vida são fundamentais para dar continuidade e coerência à carreira enquanto experiência subjetiva. Isto é, a representação que os indivíduos têm da sua carreira organiza-se em torno dos temas da sua vida, permitindo-lhes ligar o passado, o presente e o futuro numa trama que revela como usam o papel profissional para resolver preocupações centrais da sua vida (Cardoso, submetido a publicação). Esta integração da construção de carreira na construção do *self* faz-se com a inclusão dos conceitos de necessidades, objetivos e interesses na dinâmica dos temas de vida. Considera-se que as necessidades precocemente estruturadas (passado) induzem a formulação de objetivos (futuro) que as resolvam. Por sua vez, as atividades nas quais as pessoas estão interessadas (presente) são o instrumento que usam para

concretizar os seus objetivos e, deste modo, resolverem as necessidades. É um ciclo em que os interesses profissionais expressam implicitamente os planos das pessoas para utilizar o trabalho como solução para algo que lhes faltou na infância (Savickas, 1995).

Os temas de vida segundo McAdams (2001), estão divididos em oito categorias, estando estas oito categorias por sua vez divididas entre os temas de agência e de comunhão. Ou seja, existem quatro categorias de temas para a agência e quatro categorias de temas para a comunhão.

A Agência tem a ver com ideias psicológicas e motivacionais, integrando os conceitos de força, expansão, poder, domínio, controlo, autonomia separação e independência. As pessoas, ao narrarem as suas histórias, expressam grande influência da Agência sobre si. No que diz respeito à Comunhão, esta preconiza as ideias psicológicas e motivacionais sobre o amor, a amizade, a intimidade, o compartilhar, a afiliação, o pertencer, a incorporação, a união, a nutrição, entre outras.

Os temas da Agência denominam-se por: 1) autocontrolo, 2) status/vitória, 3) responsabilidade / realização e 4) capacitação. Por sua vez, os temas de Comunhão dividem-se em: 5) amor / amizade, 6) diálogo, 7) cuidar / ajudar e 8) unidade / união.

Para se entender melhor os temas de vida é necessário que se passe a descrever a caraterização de cada um destes temas, pois foram o referencial para analisar a história de vida da pessoa considerada nesta investigação.

1) O Autocontrolo – o autocontrolo é um tema de vida que se prende com o esforço para dominar, controlar, ampliar ou aperfeiçoar-se a si mesmo. É um tema relevante através de qualquer ação forte que leve o indivíduo a tornar-se mais experiente. É comum este tema estar presente em pessoas que buscam e encontram um significado para a sua vida ou pessoas que face à adversidade continuem a sentir controlo face ao que é adverso ou em que vivem acontecimentos que as podem vir a fortalecer.

2) O Status/Vitória – este tema encontra-se entre os que buscam ou conseguiram profundo prestígio e reconhecimento face aos que o rodeiam. Reconhecimento muito especial que pode ser devido ao fato de terem ganho alguma coisa, como um concurso ou competição. Neste tema de vida, existe sempre um contexto interpessoal e implicitamente a competição, o que significa que geralmente a pessoa ganha algo, uma vitória devido a qualquer acontecimento significativo, a uma honra prestigiosa por ter realizado alguma tarefa melhor que os outros.

3) A Realização/Responsabilidade – é um tema presente quando se tem êxito nas tarefas a que se propõem realizar, mostrando grande responsabilidade nas

mesmas, evidenciando sentimentos de orgulho de si mesmo, de confiança. A pessoa também se sente bem-sucedida e realizada nos desafios e obstáculos importantes que encontra e que consegue superar. Este tema também diz respeito à responsabilidade de ter outras pessoas ao seu encargo.

4) A Capacitação – relativamente ao último tema de vida, na categoria de Agência, a capacitação diz respeito ao envolvimento em algo que é superior a si, agir e realizar as tarefas de melhor forma, essa força pode ser quando se trata de Deus, da natureza, ou por outro lado, pode ser uma pessoa que tenha influência sobre a pessoa que está a narrar a história, como por exemplo, uma pessoa da família.

Na categoria de Comunhão McAdams (2001) considera os seguintes temas:

5) O Amor/Amizade – relativo à experiência de um sentimento de amor, amizade ou erotismo relativamente a outra pessoa; refere-se essencialmente ao amor e amizade entre iguais, entre heterossexuais, homossexuais, e amizades platónicas. Não tem a ver com sentimentos de cuidador mas com a expressão de sentimentos de amizade ou amor relativamente ao evento que é descrito.

6) O Diálogo – este tema é relativo à comunicação não instrumental entre quem narra a sua história e outra/s pessoa/s. Trata-se de uma conversa que não é vista como um meio para alcançar um fim mas que ocorre pelo puro prazer da comunicação. Num texto, cotar como diálogo, resulta de uma comunicação que expressa alguma intimidade entre as pessoas.

7) O Cuidar/Ajudar – é um tema de vida em que se manifesta cuidado perante a outra pessoa, fornece ajuda, auxílio, nutrição e apoio que favorecem o bem-estar emocional, físico ou social de outrem. Tem de expressar especialmente reações emotivas intensas de amor, ternura, cuidado, alegria face ao acontecimento ocorrido.

8) A Unidade/União – último tema de vida dos temas da categoria de Comunhão que tem a ver com sentido de unicidade, harmonia, solidariedade ou lealdade com um grupo de pessoas. Quem narra a história encontra-se numa certa comunidade ou grupo onde experimenta uma emoção forte devido ao facto de estar inserida nesse grupo com as outras pessoas.

Parte II – Estudo Empírico

Capítulo V - Metodologia

Segundo Afonso e Diniz (2010), o material narrativo utilizado nas ciências sociais, ou seja nas histórias de vida, remonta ao século XIX e às práticas desenvolvidas por etnógrafos e antropólogos. No entanto, foi em meados de 1980 que as histórias de vida assumiram um papel de grande importância para compreender a vida subjetiva das pessoas. Tal deveu-se ao caráter multidisciplinar da metodologia das histórias de vida pois é uma ferramenta que pode ter tantas aplicações quantas as que o investigador encontrar.

McAdams foi um dos inovadores de Erikson, que tem também um grande interesse na identidade e no processo de construção da identidade ao longo do Ciclo de Vida (Amado, 2008). Aprofundou o quinto estádio do modelo de desenvolvimento de Erikson, uma vez que atribuiu ao individuo a *"necessidade de fazer sentido da sua existência numa narrativa identitária que integre as diferentes facetas do seu eu"* (Afonso & Diniz, 2010, p. 297).

Para McAdams, a identidade define-se como a construção da história de vida de alguém, ou seja, o autor mostra a evidência de que existe uma necessidade de se distinguir um "*I*" (eu) de um "*Me*" (mim) e que é o "*I*" que constrói o "*Me*". Pelo que tudo o que o "*I*" declara como sendo seu, isto é, histórias de vida, interesses pessoais e alguns traços de personalidade, é o que vai caraterizar o "*Me*". A construção do *"Me*" ou do processo de *selfing* passa assim pela narração das histórias que o compõem, quer isto dizer que, as histórias de vida formam a sua função no espaço do "*Me*", valorizando a sua integração temporal ao conceder-lhe unidade e propósito (McAdams, 1996).

Segundo os dois autores já mencionados, Afonso e Diniz (2010) *"As histórias, paisagens da vida humana, não se desenham, porém no vazio, antes tecem-se no pano de um contexto cultural, social e histórico específico" (*p. 296). Como já foi atrás explícito, uma história de vida designa-se então como sendo uma construção psicossocial, aquilo que provém da interação do sujeito e da sua cultura de pertença, caraterizada também como sendo uma narrativa evolutiva do self, tendo como papel fundamental integrar os elementos afastados do "Me" no tempo (Afonso & Diniz, 2010).

Para McAdams (1993), a realização do trabalho identitário, prolonga-se por toda a vida adulta, embora o desenvolvimento da identidade ocorra ao longo de três fases diferentes, sendo elas a fase pré-narrativa (infância), a fase narrativa (da

adolescência ao fim da idade adulta) e a fase pós-narrativa que nem sempre se realiza (McAdams, 1993).

McAdams apresenta uma ligação entre as caraterísticas narrativas desse estádio e formas míticas, ou seja, cada conceito na narrativa de vida está associado a um determinado período de desenvolvimento. Sendo que, não menos importante, será apresentar e descrever aqui os sete conceitos que o autor apresenta e as suas respetivas associações (McAdams, 1993).

O *tom narrativo,* associa-se à infância precoce. O tom da história de vida define-se durante a infância, e é muito influenciado por quem presta os cuidados básicos à criança, logo, conforme a vinculação que a criança tenha com estes, se define o tom narrativo. Se existir uma vinculação segura, a criança desenvolve um self confiante e seguro, tendo uma narrativa otimista em que boas coisas acontecem - que se associa também às formas míticas da comédia e do romance. Pelo contrário, uma vinculação insegura leva a um tom narrativo pessimista, em que acontecem coisas menos boas - que se associam as formas de tragédia e de ironia. Pelo conteúdo que a pessoa conta e como conta, é possível perceber-se que tom persiste na sua narrativa.

A *imagética*, associa-se aos anos da pré-primária. Define-se como sendo as imagens fortes, os conhecimentos, sensações e emoções vividas no passado, que tenham tido forte impacto na vida da pessoa, repletas de sentido e significado ainda na atualidade, que permaneceram e que influenciaram as suas vidas e identidades. Podem derivar de vários elementos da vida da criança, tais como da família, da religião, do cinema, da televisão, entre outros elementos.

As *linhas temáticas* associam-se à infância. Tem a ver com o problema central e as soluções procuradas para a sua resolução. É o momento em que a criança vai definindo os seus modelos motivacionais, que ao longo do tempo se solidificam. Esses modelos motivacionais, têm a ver com a motivação que mais influencia a pessoa, se para o poder (Agência) ou para o amor (Comunhão) – que são os dois temas motivacionais essenciais na vida humana (como já descritos na parte teórica). Estas motivações podem ocorrer ao longo da vida de uma pessoa de forma diferente, podendo até a primazia de um deles dificultar a existência do outro.

O *setting ideológico* associa-se à fase da adolescência. Nesta fase a pessoa depara-se com o conflito entre o seu passado, presente e futuro, sendo que a questão da identidade torna-se aqui a questão principal. O *setting* ideológico pode caraterizar-se através do conteúdo e da estrutura. O primeiro faz parte das duas motivações da Agência (valorização da autonomia e bem estar da pessoa) e da Comunhão

(valorização do grupo, relações interpessoais e responsabilidade social). O segundo, a estrutura, tem a ver com o complexo sistema de crenças da pessoa.

Os *imagos* estão associados ao início da idade adulta, cuja caraterística fundamental é a criação, o desenvolvimento e o refinamento das personagens ou imagens da história de vida, exprimindo desejos e objetivos, comportamentos e valores e o desenvolvimento deste é influenciado pela cultura e relações mais próximas do sujeito. Através do recurso à Agência e Comunhão é possível classificar os imagos, que muitas vezes levam a conflitos entre ambas as motivações.

O *desenrolar generativo* associa-se à meia-idade. Nesta fase, continua o refinar dos imagos da história de vida da pessoa, sendo percebida como a última possibilidade que tem para o desenvolvimento de um imago até então pouco explorado. Ou seja, para fazer mudanças mais intensas e radicais, que nesta fase são pouco dramáticas, sendo só exploradas outras áreas e a tonalidade da narrativa mostra-se algo consolidada entre a identidade e os imagos. Nesta fase, o sujeito pode adotar também uma postura de mentor ou de mestre, após ter concluído as suas aprendizagens da vida. A postura de mentor é simplesmente uma forma de generatividade em que a pessoa se torna mais preocupada com os outros, com o meio que a envolve, e tenta deixar a sua marca no mundo.

E por fim, a *avaliação narrativa* associada à idade adulta tardia. Nesta fase, mais próxima do fim da vida do sujeito, a necessidade é mais de reminiscência e de rever a sua história de vida, do que de a reconstruir, pelo que a pessoa olha para o passado e avalia a sua criação.

McAdams (1993) aborda também a existência de episódios nucleares, ou seja, os eventos do passado que são recordados, que assumem um significado muito forte na vida das pessoas, e são também considerados pontos de viragem entre passado, presente e futuro.

Como já se fez salientar, a narrativa é um meio privilegiado de chegar à construção de sentido dos sujeitos pelo que o presente estudo foca-se portanto na história de vida de uma pessoa portadora de surdocegueira, tendo como principal objetivo estudar a organização identitária dessa pessoa, mas também entender os fatores e os processos de construção de carreira destas pessoas, ao analisarmos a sua história de vida através do recurso às categorias (já mencionadas acima) baseadas na teoria de McAdams (2001).

5.1. Objetivo do estudo

No quadro epistemológico em que se situa a TCC, a carreira das pessoas pode ser entendida de duas formas. Por um lado, a carreira objetiva, que é aquela que tem a ver com o percurso da pessoa, os diferentes papéis que assumiu, as transições e os ajustamentos que realizou. Por exemplo, estar numa atividade e depois ficar desempregado são dois momentos da carreira objetiva da pessoa. Por outro lado, temos a carreira subjetiva que tem a ver com o significado que é atribuído ao percurso realizado. Isto é, qual o significado que atribui a certa atividade ou ao momento de desemprego (Bendasolli, 2009).

Enquanto experiência subjetiva, a carreira é uma dimensão da vida das pessoas em que a sua identidade se expressa. Trata-se aqui da identidade narrativa, ou seja, a narrativa coerente e continua que o individuo tem de si. Como atrás sugerido, os temas de vida são núcleos em torno dos quais se organiza a trama de vida das pessoas. Uma vez que a identidade narrativa é uma forma de projetar a construção de si no futuro então facilitar a organização narrativa da identidade é uma forma de entender o sentido de vida que se busca e a importância do papel de trabalhador para a construção desse sentido de vida.

Neste quadro teórico, a presente investigação teve como objetivo geral estudar a organização identitária de uma pessoa surdocega a partir da sua história de vida. Espera-se contribuir para entender os fatores e os processos de construção de carreira deste tipo de pessoas e, deste modo, abrir novas possibilidades de investigação e de intervenção que contribuam para o processo inclusivo desta população.

5.2. Participante

Tendo em conta a especificidade da deficiência em questão neste estudo e de todos os elementos com que as pessoas portadores deste tipo de incapacidade lidam, a seleção do participante, proveio de uma escolha conjunta com o Centro de Educação e Desenvolvimento António Aurélio da Costa Ferreira, após reunião e exposição do objetivo do estudo, para auxiliarem na decisão da escolha de um sujeito que fosse mais propício para participação no estudo em causa, dado o tipo de comunicação utilizada tanto pelo participante como pelo entrevistador.

De acordo com os princípios éticos acordados com o participante, que se dispôs de imediato a participar neste estudo, com enorme disponibilidade e interesse, foi preferível salvaguardar a sua identidade, tal como a dos sujeitos nomeados por si bem como das localidades nomeadas nos seus relatos.

Assim, e após acordo com a Casa Pia de Lisboa, realizou-se uma história de vida a um sujeito do sexo masculino, de 53 anos na data do último encontro para a entrevista, morador na zona de Almada. O participante encontra-se atualmente a residir sozinho numa acolhedora moradia onde foi efetuada a entrevista.

O participante é portador de surdocegueira adquirida. Como já foi explicado no capítulo II deste estudo, designa-se como sendo o grupo de pessoas que não apresentam nenhuma incapacidade visual ou auditiva à nascença, mas que ao longo da vida adquirem ambas as deficiências (Samaniego, 2003; Reyes, 2004), como se pode constatar no relato do participante "perdi a audição parcial, aos três anos e meio de idade" tendo colocado um aparelho auditivo nessa tenra idade; relativamente à visão, o participante começou a ter dificuldades visuais "na 2ª ou na 3ª classe" quando "a professora começou a notar que eu não conseguia ler tudo o que ela escrevia no quadro".

No entanto, esta incapacidade não se fez notar ao longo de toda a sua vida, visto que "a audição só acabou aos 37 anos", tendo ficado oito anos seguidos em pleno silêncio, até ao momento em que foi implantado (colocou um implante coclear). No que respeita à visão, o participante começou a perder a visão "ai por volta dos 30 anos".

Fez o ensino secundário, apesar das suas dificuldades, o que rápido o levaram a deixar a escola, uma vez que "não estava sentir grandes oportunidades e estímulo por parte dos professores e colegas" pelo que achou que "o melhor era começar a tentar ser útil à sociedade e procurar trabalho", não prosseguindo assim com os seus estudos tendo procurado o seu primeiro emprego.

O participante é solteiro, embora já tenha tido algumas namoradas. A primeira namorada foi "muito importante para mim", visto ter sido o seu "primeiro amor a sério", que prevaleceu durante dezassete meses, os quais descreve como "bonitos". Na atualidade encontra-se sozinho por "nenhuma delas ter ficado comigo".

Apresenta-se sempre muito bem-disposto, com um sorriso na face, e com grande disponibilidade para contar e esclarecer tudo aquilo que lhe foi proposto, a familiaridade com que me recebeu acolhedoramente em sua casa, também foi constante ao longo das entrevistas, o que mostra ser uma pessoa bastante afetuosa.

Aparenta ser bastante autónomo, tanto na sua deslocação, como nos cuidados para consigo, estando sempre bastante apresentável, mantendo o à-vontade e boa disposição acompanhados de grande simpatia, alegria e educação que foram caraterísticas constantes ao longo de todo o processo da entrevista.

5.3. Procedimentos

5.3.1. Procedimento de recolha

O levantamento da história de vida foi efetuado a partir de uma entrevista semiestruturada seguindo o protocolo de McAdams (1993).

Sendo entrevista semiestruturada, encontra-se organizada em sete questões fundamentais que McAdams propõe para explorar as narrativas pessoais, constituindo-se como um guia ao qual deve ser fiel, tendo como objetivo crucial entrar no mundo psicológico e social do participante.

A entrevista começa com uma questão mais aberta e geral sobre os capítulos da vida da pessoa entrevistada. Esta questão consiste em pedir ao participante que pense na sua vida como se de um livro se tratasse, dividindo-o em capítulos, e descrevendo-os brevemente. O indivíduo pode falar de quantos quiser, embora McAdams aconselhe a que sejam no mínimo dois ou três e no máximo sete ou oito capítulos. Pede-se também à pessoa que dê um nome para cada um desses capítulos e descreva brevemente o que é vantajoso na transição de um capítulo para outro.

A segunda questão da entrevista diz respeito aos acontecimentos-chave que passam de uma descrição geral para uma mais específica. Consiste em pedir ao entrevistado que descreva, detalhadamente, oito acontecimentos-chave da sua vida, que desse modo nos podem dar informação sobre temas que dominam a narrativa da pessoa. Esses oito acontecimentos-chave, que são objeto de análise, são os seguintes: 1) Experiência máxima (pico) - pede-se para a pessoa falar de um ponto alto na sua história de vida; 2) Experiência mínima (nadir) - referir um ponto mais baixo na sua história de vida; 3) Momento decisivo (ponto de viragem) - recordar um episódio pelo qual tenha vivido uma modificação significativa na compreensão de si mesmo; 4) Recordação mais precoce (mais antiga) - mencionar uma das recordações mais precoces completadas com detalhes sobre o lugar, cenas, personagens, sentimentos e pensamentos; 5) Recordação importante da infância - falar de qualquer recordação da infância, seja ela positiva ou negativa que se destaque; 6) Recordação importante da adolescência - partilhar qualquer recordação da adolescência que ainda hoje se destaque, seja positiva ou negativa; 7) Recordação adulta importante - nomear uma recordação adulta importante, seja positiva ou negativa, mas que se destaque a partir dos 18 anos da vida da pessoa; e 8) Outra recordação importante - relatar um acontecimento específico, que pode ser tanto do passado recente da pessoa como do mais recente, seja positivo ou negativo mas que se destaque.

A terceira questão por sua vez diz respeito às pessoas significativas para o participante. Este tem a oportunidade de descrever mais detalhadamente algumas

pessoas importantes para si e com impacto na narrativa. Aqui é pedido ao participante que descreva quatro dessas pessoas e especifique o tipo de relação que tem ou teve com cada uma dessas pessoas e como essa pessoa teve importância na sua história de vida. Após falar das pessoas significativas, é-lhe pedido que refira se tem ou teve heróis ou heroínas na sua vida.

Após se tratar da história referente ao passado do participante, a parte seguinte da entrevista segue em direção ao futuro do sujeito, o que nos pode fornecer informações sobre a sua identidade. Pelo que, a quarta questão diz respeito ao guião do futuro. Questiona-se o participante sobre o que irá acontecer no seu futuro, pede-se para que descreva o seu sonho, ou plano geral, que estabeleça objetivos, interesses, aspirações, esperanças e desejos para a sua vida. E como esse plano lhe permite ser criativo relativamente ao futuro e dar o seu contributo aos outros.

A quinta questão, refere-se aos problemas e pressões vividos pelo participante. Solicita-se que descreva pelo menos duas áreas na sua vida onde esteja a passar por uma pressão significativa, um grande conflito, um problema difícil ou um desafio que deve ser enfrentado.

Relativamente à sexta questão, esta diz respeito à ideologia pessoal do participante e está relacionada com as suas crenças e valores. Procura-se saber se o sujeito 1) acredita na existência de uma espécie de Deus ou de uma divindade ou força que regule, ou de alguma forma organize e tenha influência no universo; 2) quais as suas crenças religiosas; 3) de que forma as suas crenças são diferentes da maior parte das outras pessoas que conhece; 4) como é que as suas ideias religiosas se modificaram ao longo do tempo; 5) tem alguma orientação política específica; 6) Qual o valor que acha ser mais importante na vida humana; e 7) mais informação para se compreender as crenças sobre a sua vida e o mundo que o rodeia.

Por último, a sétima questão tem a ver com o tema de vida do participante. Pede-se ao sujeito que olhe para o passado, para a sua história de vida como se de um livro se tratasse, com os seus capítulos, episódios e personagens, para que nos diga se encontra um tema central na sua história, uma mensagem ou ideia que surge dessa história.

Dada a sua extensão, foi dividida em três partes (três encontros com o participante), que se realizaram no período compreendido entre 7 de Fevereiro de 2012 e 1 de Março de 2012. O contato com o participante foi efetuado por técnicas da Casa Pia de Lisboa, após o acordo advindo de uma reunião que se fez para expor os objetivos do estudo e discutir que sujeito portador de Surdocegueira se poderia

enquadrar neste estudo. O participante dispôs-se imediatamente a participar, mostrando muita satisfação em cooperar.

Inicialmente, foram explicados ao participante os objetivos da entrevista e garantida total confidencialidade da informação a recolher. Posto isto, teve-se especial atenção aos cuidados éticos e deontológicos necessários neste estudo para proteger a identidade do participante.

A relação de confiança e familiaridade rapidamente se fez sentir, pois entrevistador e entrevistado já se conheciam de outros encontros, provenientes de acontecimentos relacionados com a Surdocegueira, de que ambos são portadores. Por este mesmo motivo, sentiu-se a necessidade de recorrer ao auxílio das prestações de um intérprete-guia, que executou um papel passivo ao longo da entrevista, intervindo nas dificuldades de comunicação que foram sentidas entre entrevistado e entrevistador.

É importante referir que a mediação e a guia-interpretação são fundamentais para o desenvolvimento do Surdocego, uma vez que auxiliam na interação entre a pessoa Surdocega e o meio ambiente sendo útil na comunicação (Garcia, n.d.). Salienta-se então que o recurso ao guia-interprete foi simplesmente o apoio na comunicação ao longo da entrevista através de uma modalidade adequada ao entrevistador e entrevistado. Como refere Garcia (n.d.) o guia-interprete é apenas *"o canal de comunicação"*. Neste caso foi uma técnica da Casa Pia de Lisboa, que deu apoio na realização da entrevista. A técnica referida que trabalha no âmbito do Serviço de Apoio à Pessoa Surdocega Adulta (SAPSA), fazendo parte do CED AACF que, como já foi referido, dá apoio individualizado a todas as solicitações de pessoas surdocegas adultas, interferiu apenas no auxílio da comunicação, respeitando todo o processo da entrevista, mantendo uma postura muito profissional e de grande compreensão.

O cenário onde se realizou a entrevista foi familiar ao participante, a sua sala de estar, em Almada, pelo que este falou abertamente e expressou-se muito bem.

Recorreu-se à utilização de um gravador digital de voz Olympus (modelo Pearlcorder Microcassette Recorder J500) por ser mais fácil o seu manuseamento, ao que o participante não colocou qualquer obstáculo. No entanto, o gravador condicionou tanto entrevistador como entrevistado. Por um lado, o entrevistador sentiu-se mais nervoso devido à sua presença, por outro o entrevistado, adotou uma postura mais formal sempre que se colocava uma questão e ele começava a discursar, tendo sempre evoluído para um diálogo mais familiar que, apesar de todas as condicionantes acabou por surgir como se de uma conversa entre amigos se

tratasse. A duração de cada uma das três partes de entrevista foi, em média, de duas horas e meia, tendo em conta todas as interrupções que foram ocorrendo ao longo da mesma.

A recolha da história de vida do participante não foi muito difícil, visto que é um senhor bastante rico culturalmente e que se exprime muito bem, que gosta de, espontaneamente, fazer referência a expressões tais como, por exemplo, a alusão ao poeta português Fernando Pessoa quando afirma *"Pedras da rua, guardo-as todas! Um dia vou construir um castelo!"* em tentativas de acentuar o seu discurso, e como ele próprio refere "*eu não tenho muita facilidade em fazer resumos, numa frase, ou numa palavra, aquilo que tenho feito ao longo da minha vida*", pelo que foi preferível e agradável, deixar o participante narrar livremente a sua história de vida sem grandes interrupções, visto que este aderiu de forma empenhada e cooperou no processo de entrevista com muita satisfação e entusiasmo.

Após realizada a entrevista, foi apresentada ao sujeito a sua transcrição em papel, para que tivesse a liberdade de acrescentar algum assunto que não tivesse ficado bem claro e /ou esclarecido, ou caso o participante quisesse narrar mais algum assunto ou acontecimento, no entanto, este mostrou-se satisfeito e sem desejar acrescentar mais nenhum tema.

5.3.2. Procedimento de transcrição e análise

O procedimento de recolha que se descreve e que se seguiu neste trabalho teve como base fundamental as linhas orientadoras de Poirier e colaboradores (1999). Uma vez que se trata da análise de uma história de vida, toda a tarefa de interpretação tem uma ênfase aberta, tendo como objetivo colocar em evidência as constantes das histórias de vida.

A análise de conteúdo da história de vida foi alvo de um longo processo, da passagem do material à síntese do mesmo, tendo sido esta análise alvo de releituras e reflexões constantes, continuadas e com foco na subjetividade, uma vez que no estudo de narrativas é difícil suprimir o caráter subjetivo das mesmas. E, tendo em conta que as narrativas auxiliam ao processo de tornar consciente e explícito o que existe implicitamente, é preferível que essa subjetividade se mantenha, pois enquanto método é imprescindível.

O processo incluiu vários momentos de análise complementados com um profundo estudo dos procedimentos adotados. Inicialmente, foi realizada a transcrição integral da entrevista, sobre a qual não houve qualquer comentário e que foi feita ao longo da aplicação das entrevistas, para o *Word* 2007.

Esta primeira transcrição tentou ser extremamente fiel ao dito pelo participante, tanto que na transcrição há dificuldades em se perceber exatamente o que é dito nos momentos em que ocorreram interrupções de origem vária, tais como uma porta a bater na casa do participante, telefones que tocaram diversas vezes, e a própria guia-interprete que teve de interromper para auxiliar na compreensão dos argumentos. Foi esta a primeira etapa que nos lançou do texto falado para o texto escrito.

Assim, e após a transcrição da entrevista, foi elaborada uma síntese da história de vida, organizada por ordem cronológica, na qual se selecionaram também os pontos fundamentais da vida da pessoa, aquando da sua narração, ou seja, juntamente com esta primeira preparação do texto foi feita uma leitura muito atenta para encontrar as significações do sujeito.

Como já se referiu acima, trata-se de um procedimento com enfâse aberta, que nos leva a recorrer ao texto em busca das categorias que emergem deste, categorias que foram exaustivamente procuradas, e que são as tratadas por McAdams (1993) e Savickas (2011). Pelo que na fase seguinte a análise teve o seu enfoque na procura dos temas fundamentais da vida do sujeito, tal como do seu sentido e significado.

Após a definição dessas categorias (tom narrativo, imagética, *setting* ideológico, imagos, desenrolar generativo, avaliação narrativa e episódios nucleares), partiu-se para nova releitura da história de vida, tanto na sua versão original como na versão organizada cronologicamente, para se verificar a verosimilhança dos mesmos.

Os resultados foram apresentados de uma forma clara e com a descrição das categorias, com citações ilustrativas retiradas do discurso direto do participante, como exemplos significativos.

Após a apresentação dos resultados, releitura dos mesmos e respetiva história de vida do participante, partiu-se para uma discussão global dos dados obtidos neste estudo.

Capítulo VI - Resultados

Os resultados são apresentados segundo as categorias previamente definidas, em acordo quer com a perspectiva narrativa de McAdams (quer com a Teoria de Construção de Carreira (Savickas, 2005; 2011). Posteriormente apresentam-se as categorias emergentes. Cada categoria é ilustrada com vinhetas mais ilustrativas das mesmas.

Categorias previamente definidas, em acordo com a perspetiva narrativa de McAdams:

Tonalidade - O tom narrativo é otimista. No entanto, sempre que fala de episódios menos bons na sua vida, adota uma estratégia compensatória no sentido de transformar o mau em bom. Por exemplo, refere que foi sempre discriminado na escola por parte dos colegas e *"Tinha um pouco de pena de não poder estar a jogar também",* mas logo de seguida refere que, como espetador também gostava de ver os jogos *"Mas ao mesmo tempo, como espetador, também gostava de ver os jogos não é?".*

O tom que persiste é de tonalidade maioritariamente otimista o que revela confiança em si e num futuro possivelmente melhor, trata-se de uma narrativa em que boas coisas acontecem. Como o próprio afirma, teve sempre sucesso - *"A verdade é que cheguei à idade que tenho com grande sucesso em tudo o que fiz até hoje"* - conseguiu sempre superar os seus problemas e realizar as tarefas a que se propunha - *"Eu procuro transformar um problema numa solução".*

A tonalidade positiva está ainda presente no modo como vive a diferença: *"nunca me senti uma pessoa diferente pelo simples facto de usar um aparelho pendurado na orelha"*.

Imagética – A comunicação do participante recorre bastante à imagética. Possivelmente potenciada pela incapacidade de ver e pela intensidade das experiências vividas. Ao longo da sua história de vida momentos marcantes são recordados com intensidade imagética:

(1) No contato com a perda completa de audição: *"Estava de férias, em casa, em S. João do Estoril e estava na piscina do condomínio. Quando saí da água e vou pôr o aparelho, não ouvia nada. E eu pensei: "O aparelho está avariado!". E fui buscar o outro. Mas também não conseguia ouvir nada. Então, o meu pai disse: "Bom, se não é um aparelho, não é o outro, só pode ser o ouvido!". Fui para o Hospital São Francisco Xavier, onde fiz imensos exames e nada. Disseram que estava tudo bem,*

que tinha uma infeção no ouvido. E eu disse: "Não pode ser infeção! Porque eu já tive muitas infeções e nunca deixei de ouvir!". Depois disso, andei em muitos médicos, fiz muitos exames e não havia uma conclusão plausível que dissesse qual era a razão porque tinha deixado de ouvir."

(2) Posteriormente a perda da visão *"Fiz todo o meu percurso de trabalho, até ter começado a perder a visão, aí por volta dos trinta anos. No meu local de trabalho, como não me podiam despedir, puseram-me numa sala, sozinho, com um ampliador… Eu estava a ler livros! Como tinha que lá ir todos os dias, fiquei praticamente oito anos, só a ler… A ler e a escrever poesia minha. Eu escrevia à mão e depois os meus colegas passavam no computador."*

(3) A falta de esperança: *"Estou a ver mal. Não estou a ouvir nada... Isto agora vai ser um inferno!"*

Se as experiencias negativas foram marcantes quer do presente quer do futuro também fortes experiências positivas se gravaram em imagens. Trata-se de episódios em que vive a transposição das limitações:

(4) Quando recupera a audição: *"O episódio mais maravilhoso que tive até hoje, foi o momento em que recuperei a capacidade de ouvir e poder estar em contato com o mundo à minha volta, através dos sons"* ou *"O primeiro momento quando comecei a ouvir com o implante, foi emocionante! Tive que me conter para não me virem as lágrimas aos olhos… Foi emocionante, foi muito emocionante!".*

(5) Quando consegue lidar com a adversidade: *"Quando era criança, havia umas brincadeiras na escola, em que nós tentávamos adivinhar coisas escritas na mão, ou nas costas da mão, nos joelhos… E isso ficou-me na memória e ajudou-me, mais tarde, quando a minha irmã escreveu na minha mão, a descodificar o que ela me estava a dizer."*

(6) Quando vive o afeto familiar "*Mas há uma coisa que recordo com muito carinho e que, hoje, ajuda muito a minha vida. Nessa altura, em minha casa não havia televisão, era uma coisa recente em Portugal e não havia necessidade de ter televisão. Tínhamos um jardim muito grande, a casa era grande e, podíamos ir para o jardim brincar. À noite, havia sempre visitas que nos visitavam e havia uma coisa que o meu pai fazia, quase todas as noites. Íamos para a sala, sentávamo-nos todos na sala, fazíamos algumas orações, em família, e o meu pai costumava pôr discos a tocar para nós ouvirmos e, isso, de certa forma, educou, o meu ouvido em termos de música, de sons. Hoje gosto muito de música boa qualidade. E devo isso ao meu pai. Ouvir música em criança, ajuda-nos a criar uma forma de estar, uma cultura que nos ajuda a estar bem connosco próprios".*

Imagos – É notório que ao longo de toda a narrativa o pai é uma figura forte, (1) apoiando, fazendo-o acreditar em si mesmo, que a passagem seguinte ilustra *"O meu pai sempre me disse desde criança, que quando eu não conseguia fazer uma coisa, arranjava outra maneira para fazer a mesma coisa".*

(2) Facilitando recursos para lidar com o problema: *"Quando comecei a perder a visão, o meu pai, comprou-me esta lupa e disse: "Estás a perder visão, mas, com esta lupa, ainda podes ver mais um bocadinho!" Esta lupa, acompanha-me há muitos anos no meu bolso, porque tem um simbolismo muito importante, que o meu pai procurou minimizar as minhas dificuldades e mostrar-me outras soluções".*

(3) Construindo interesses: *"havia uma coisa que o meu pai fazia, quase todas as noites. Íamos para a sala, sentávamos todos na sala, fazíamos algumas orações, em família, e o meu pai costumava pôr discos a tocar para nós ouvirmos e, isso, de certa forma, educou, o meu ouvido em termos de música, de sons. Hoje gosto muito de música boa qualidade. E devo isso ao meu pai"*.

Também a mãe foi uma referência importante: "*A minha mãe também foi muito importante para mim, porque sempre me disse que eu era uma pessoa capaz de superar as minhas dificuldades".*

A centralidade deste apoio é ilustrada quando fala do seu falecimento: *"Tanto o meu pai como a minha mãe, foram os dois pilares principais da pessoa que sou hoje. É como se tivéssemos um edifício que foi sendo construído sobre duas colunas e, de repente, alguém tira as colunas".*

Também a irmã é uma figura de referência. Tal como os pais teve influência positiva ao longo de toda a sua vida, permitindo construir-se a si próprio enquanto pessoa que procura superar a incapacidade. É ilustrativa a marca da sua irmã na sua vida, enquanto referência no processo de permanente superação:

Fui para o Hospital com a minha irmã Anabela e aconteceu uma coisa muito engraçada. Nós fomos de dia mas viemos à noite, às 3h da manhã! E, a Anabela queria falar comigo, e não sabia, às escuras, como eu já estava a ver mal, como é que ela havia de falar comigo. Então, ela pegou no dedo dela e escreveu no meu joelho o que me queria dizer. E aí, tive a noção, de que ainda podia voltar a ouvir, embora de outra forma. Não podia através dos ouvidos, através dos sons, mas podia ouvir através das letras na minha mão, vencer os obstáculos da vida.

Linhas temáticas – A narrativa é estruturada em torno de temas que têm a ver com agência pessoal. Neste caso, são os temas da deficiência e da discriminação. No

tema da deficiência a solução é procurada na constante luta para ultrapassar a condição vivida através da utilização máxima das suas capacidades. Revela-se, por exemplo, quando (1) recebe a notícia da surdez: *"Tu neste momento, o que ouves, é zero. Se puderes ouvir 5%, já estás a melhorar!" E eu pensei: "De facto, é verdade, mesmo que fosse com 5%, eu passava a ouvir, por exemplo, uma porta a bater, um carro a passar, até ruídos muito simples, mas importantes para nós nos sentirmos em contato com o meio ambiente"*. Também com o (2) primeiro emprego a mesma solução emerge:

"No meu primeiro emprego, tive cerca de seis meses, que são aqueles primeiros seis meses à experiência, a receber um vencimento que era pago na altura a quem era menor. E eu não me preocupei com isso, o mais importante era mostrar que era capaz de fazer o meu trabalho, em pé de igualdade com as outras pessoas".

Mais tarde, quando (3) aborda tudo o que conquistou: "*O que é verdade, é que, o meu corpo, porque perdeu capacidades auditivas e visuais, tem mais limitações para atingir determinados objetivos. Mas, não quer dizer que ele não os possa atingir. Antes pelo contrário, se calhar, sou capaz de fazer coisas sem ver, que outras pessoas só pelo simples facto de terem uma visão normal, não conseguem fazer*".

Por sua vez, o tema da discriminação, que se repete ao longo de toda a narrativa, tem como solução a procura da equidade. Na escola - *havia uma certa descriminação por eu ser surdo, por ver um bocadinho menos que os meus colegas*, - nas atividades de tempos livres – *Fui um pouco discriminado nas brincadeiras*. A solução é continuar no grupo e participar como podia: "*Tinha um pouco de pena de não poder estar a jogar também. Mas ao mesmo tempo, como espectador, também gostava de ver os jogos, não é?*…"

No primeiro emprego quando passou a ser remunerado como os restantes colegas:

"Ao fim de seis meses, o chefe do departamento de pessoal veio ter comigo e, para se desculpar do facto de me terem estado a pagar mais baixo do que o que seria obrigatório, disse-me que, afinal de contas, eu, apesar das minhas limitações, fazia o meu trabalho em pé de igualdade com os outros colegas e, portanto, não havia razão nenhuma para me estarem a pagar o salário como se fosse um adolescente".

A decisão mais importante é reveladora da procura da equidade:

"*A decisão mais importante que tomei na minha vida, foi vir viver para Almada, viver para a minha casa. Comprei a minha casa, mobilei-a com as poucas coisas que tinha e, a pouco e pouco, fui tornando a casa agradável. Foi um grande passo de*

autonomia, foi um grande passo de inserção social, de fazer a minha inserção social para lá da porta da minha casa".

Assim os temas da deficiência e da discriminação podem-se considerar no domínio da agência pessoal. Refletem uma personagem lutadora, que se vai assumindo ao longo da vida, e cujo percurso é marcado pela procura de soluções para ultrapassar a sua condição - *"procurar sempre superar da melhor maneira que posso e sei é o que tenho feito ao longo da minha vida"* - Se considerar a tipologia Holland estamos face a uma personalidade do tipo empreendedora.

Setting ideológico – ao longo da narrativa vão emergindo valores orientadores da sua vida. Os seus valores parecem solidificar-se ao longo do tempo. Relativamente à religião, afirma que cada pessoa é livre de seguir a sua própria religião, que é dentro dessa religião que nós construímos os nossos valores. Considera que *"o importante é acreditarmos em alguma coisa",* e que essa mesma coisa "*tem que começar por nós próprios*". A sua forma de ver as coisas poderia enquadrar-se na religião católica, mas acredita essencialmente em valores que sejam úteis à Humanidade. O seu valor mais importante é o Amor, pois nas suas palavras "*sem amor nada é possível",* mas salienta que "*o amor tem a ver, primeiro que nada como amor-próprio. Gostar de nós próprios*".

Outro importante valor é o do desenvolvimento pessoal - *"O que mais desejo, é que ela mostre às pessoas, tal como me mostrou a mim, que é possível ir mais longe, independentemente das tais pedras no caminho."* – e, utilização das capacidades - *"E eu não me preocupei com isso, o mais importante era mostrar que era capaz de fazer o meu trabalho, em pé de igualdade com as outras pessoas".*

Ainda os valores da equidade e da aceitação do outro - *"Todas estas pedras que foram surgindo no caminho da minha vida, na escola, ajudaram-me a perceber que as pessoas não são todas iguais. Todos nós somos como que peças de um puzzle, chamado puzzle social, em que as pessoas são todas diferentes, mas fazem parte todas de um todo que constitui a sociedade em que vivemos."*.

Finalmente, quando fala das suas ideias políticas emergem valores utilitaristas:

"*Considero-me uma pessoa que acredita em valores, que sejam úteis à construção da humanidade, não aceito ideologias políticas que não sejam a favor da humanidade. Eu acho que, todas as ideologias políticas têm o objetivo de ser úteis à humanidade*".

Desenrolar Generativo - É solteiro mas o sonho de constituir família mantém-se: *"Se for possível ter filhos, ótimo! Se não for possível há sempre a possibilidade de*

adoção de uma ou duas crianças". A família prende-se com querer ser útil a outras pessoas, ter alguém a depender de si e um dia ter filhos, deixar algo de si, ou seja, os filhos como um prolongamento de si mesmo: "*Ter alguém com quem possa estar, ter alguém com quem me possa relacionar, alguém que possa, de certa forma, prolongar no tempo. Se for possível ter filhos, ótimo! Se não for possível, há sempre a possibilidade de adoção de uma ou duas crianças. E isto, vem um pouco ao encontro do ser útil a alguém".*

A ideia de deixar um legado está também muito presente na relação com as sobrinhas quando, por exemplo, refere que por ter ficado responsável pelas suas sobrinhas estas *"hoje têm uma postura perante as minhas dificuldades e as de outras pessoas diferente da de muita gente, porque conviveram com a deficiência, conviveram com as minhas limitações"*.

Avaliação narrativa – não é muito visível na narrativa, embora o participante afirme que á medida que os problemas na sua vida foram surgindo procurou sempre superá-los e que continua a criar soluções para os superar:

"Se te dissesse que não tive problemas nenhuns para chegar a este ponto da minha vida, estava a mentir. Mas a verdade é que os tive e que os superei. As soluções dependem muito também da capacidade que a pessoa assumiu ao longo da sua vida de construir essas mesmas soluções. E eu continuo a construir essas soluções".

Verifica-se que lança um apelo para que contem o seu grande tema de vida: a sua própria condição de deficiência e a discriminação de que é alvo:

"Gostava muito que as pessoas percebessem que, nós, pessoas surdo-cegas e outras também com deficiência, somos pessoas pensantes, somos seres sensíveis, com carências e com necessidades e que também participamos na vida de todos, com trabalhos desta natureza, que podem ajudar as pessoas a serem um pouquinho mais adultas, mais recetivas ao problema da deficiência, neste caso, da surdocegueira, porque as pessoas às vezes, também ficam um bocado confusas quando são confrontadas com necessidades dessas, ficam assim: "Mas como é que é possível? Mas como é que elas conseguem?". Mas, esquecem-se de perguntar: "E será que eu sou capaz de fazer isto?".

Episódios nucleares – um ponto forte na narrativa, por ser um ponto de viragem na sua vida, é o momento em que perde definitivamente a audição, e passa a viver durante oito anos no silêncio. Nesse período comunicava quando os outros escreviam

na palma da mão. Refere a propósito: *"oito anos em que não ouvia absolutamente nada: "durante oito anos, ouvi sempre as pessoas a falar comigo na palma da minha mão. Tudo por escrito!"*

Outro episódio nuclear foi a recuperação de alguma audição com a colocação de um implante: *"À medida que tomei consciência que podia ouvir através do tato, deixou-me espaço mental para começar a pensar que, talvez a possibilidade de um implante coclear fosse uma possibilidade muito positiva"*. Menciona que assim que colocou o implante coclear, recuperou a sua capacidade de ouvir, e que esse foi o episódio mais maravilhoso da sua vida que o levou a poder interagir novamente com o mundo à sua volta, cheio de novas descobertas. Diz: *"quase posso afirmar que nasci outra vez".*

Estes episódios nucleares constituem, assim, momentos de transição na sua condição de deficiente.

Categorias previamente definidas de acordo com a Teoria de Construção de Carreira:

Sistemas de apoio

Os colegas de escola – "*Tive uma colega que fez o antigo 7º, 8º e 9º ano, sempre comigo e foi sempre ela que tomou nota dos apontamentos para mim. Não, porque eu não visse, porque nessa altura eu ainda via bem. Mas, porque não conseguia acompanhar a aula em termos de audição. E essa colega, foi muito, muito importante para mim"*.

Colegas de trabalho, especialmente, quando ficou incapaz de cumprir as tarefas que desempenhava devido à doença: "*No meu local de trabalho, como não me podiam despedir, puseram-me numa sala, sozinho, com um ampliador… Eu estava a ler livros! Como tinha que lá ir todos os dias, fiquei praticamente oito anos, só a ler… a ler e a escrever poesia minha. Eu escrevia à mão e depois os meus colegas passavam no computador* ".

Os amigos e vizinhos são outras importantes fontes de apoio. Diz *"Sou um privilegiado, pelos amigos e pelos vizinhos que tenho, porque me ajudam muito, é uma forma de eles também se sentirem pessoas".*

Adaptabilidade – a confiança é uma das dimensões da adaptabilidade que se revela desde cedo na sua vida:

"E nós ficámos em casa, na quinta, sós. Para mim foi uma prova de confiança muito grande, porque quando nós somos crianças e andamos sempre com os pais para aqui e para acolá, nunca ficamos sozinhos, mas naquele momento, foi diferente. Ela tinha quinze anos, eu tinha dezasseis ou dezassete, e, nós ficamos os dois sozinhos em casa. Fizemos o almoço, estivemos ali como duas pessoas responsáveis e isso, para mim, representou uma prova de confiança e de maturidade minha perante os meus pais e os tios dela"

Na sequência desta experiência diz que *"E isso deu-me força, ajudou a que eu assumisse a capacidade de acreditar nas minhas capacidades"*, revelando a dimensão do controlo, também presente em expressões como *"Mesmo a ver muito mal, ainda tenho autonomia"* ou *"Eu nunca senti que fosse um peso (…) Eu acho que as pessoas precisam que existam pessoas diferentes, como nós, para as fazer demonstrar a sua sensibilidade."*

A curiosidade é outra dimensão da adaptabilidade que se expressa no conhecimento das suas limitações e possibilidades. Ao falar da visão muito afetada diz *"eu sei as dificuldades que tenho e sei que tenho ferramentas que me permitem ultrapassar essas dificuldades".*

Categorias emergentes:

Modelos de papel - Anne Sullivan e Helen Keller são os seus modelos de papel. Vejamos as características destes heróis que marcaram a sua história de vida:

"…são de facto, duas pessoas que para mim representam dois verdadeiros heróis. Uma, do ponto de vista educativo e desenvolvimento pessoal. E a outra, na superação das suas próprias limitações. A Anne Sullivan, como professora da Helen Keller foi, e atendendo ao tempo em que foi, com o conhecimento que havia na altura sobre estratégias de educação, reabilitação, capaz de fazer da Helen Keller aquilo que nós todos conhecemos. E a Helen Keller, também mostrou ao mundo que, apesar de não ver e não ouvir nada, era possível fazer uma vida tão normal como, inclusivamente, fazer um doutoramento em Filosofia".

Barreiras da carreira – uma importante barreira tem a ver com a incompreensão face à deficiência, revelada quando não o deixam *"fazer as coisas naturalmente"* quando os professores *"senti incompreensões por parte dos professores porque quando nós temos à nossa volta pessoas que não compreendem as suas próprias limitações, também não conseguem compreender as limitações de outras*

pessoas"; "*outras pessoas não nos deixam fazer aquilo que é normal nós sermos capazes de fazer".*

Outra barreira muito presente ao longo de toda a narrativa é a da discriminação. Quer de colegas - *"os outros colegas mais conscientes, já me estavam a marginalizar um pouco"; "havia uma certa discriminação por eu ser surdo, por ver um bocadinho menos que os meus colegas"*.

Lema de Vida – o seu mote de vida é várias vezes repetido ao longo do texto *"Pedras do caminho, guardo-as todas. Um dia, eu vou construir um castelo".* O significado reside na constante procura de solução para as adversidades vividas.

Capítulo VII - Discussão

A metodologia utilizada neste estudo procurou conhecer a singularidade da história de vida/experiência do participante. De facto, a metodologia de histórias de vida é uma metodologia qualitativa focada na procura de conhecimento particular e situado. O que se constatou ser verosímil ao proceder à recolha e tratamento da informação, tal como sua respetiva análise e interpretação, visto que as histórias de vida são um instrumento favorável para observação da subjetividade.

O recurso à narrativa foi extremamente eficaz neste caso particular, para uma profunda exploração do mundo social e psicológico do participante. A ferramenta usada para conseguir este objetivo foi o guião de entrevista semiestruturada proposta por McAdams (1993). Este protocolo permitiu aceder à subjetividade do participante para depois analisar a sua narrativa pessoal, e percebendo a sua construção identitária. A análise teve por base as categorias propostas McAdams (1993) e Savickas (2011). Deste modo, foi possível dar coerência e continuidade da identidade narrativa do participante bem como a relação da identidade com a construção de carreira.

De salientar ainda que antes da entrevista se iniciar, todo o objetivo e processo da mesma foi explicado ao participante. Tal contribuiu para facilitar o processo e refletir sobre as questões. Embora talvez isso tenha levado a um discurso mais formal da sua parte ao início da entrevista, que se deixou fluir e acabou por falar muitas vezes com nostalgia dos acontecimentos passados, e quando contava algo mais emocional, acabava por falar sempre muito baixinho e pausadamente, como por exemplo, quando mencionou o pior acontecimento da sua vida (o falecimento dos seus pais).

Ao se realizar a análise da narrativa, verificou-se o que já se tinha constatado aquando da aplicação das entrevistas, devido à boa-disposição apresentados pelo participante que o conteúdo das categorias é essencialmente positivo. A identidade narrativa do participante estruturou-se, ao longo de todo o seu percurso de vida, em torno de dois temas: a deficiência e a discriminação. Considerando as grandes dimensões motivacionais do funcionamento humano, propostas por McAdams (1993), agência e comunhão, considera-se que ambos os temas estão integrados no domínio da agência pessoal.

A imagética associada às experiências da infância revela a intensidade dos acontecimentos então vividos e que o marcaram profundamente. De referir, talvez resultado da sua deficiência, que toda a comunicação é extremamente rica em imagens.

A intensidade dos acontecimentos vividos pelo participante, ainda numa fase pré-narrativa, constitui uma marca dos temas que hoje dominam a sua história de vida. Há uma estreita relação entre essas imagens marcantes que guarda e as linhas temáticas da sua história.

Apesar das temáticas de vida, o tom da narrativa é de cariz maioritariamente otimista, e talvez isso seja devido à capacidade que o participante tem de lutar pelos seus objetivos e ultrapassar a sua condição. Neste sentido, as personagens centrais desta narrativa são o lutador, que corresponde ao tipo empreendedor, tal como conceptualizado por Holland (Holland, 1997). Também pode ter contribuído para este tom narrativo positivo o apoio que sempre teve dos pais e outros elementos da sua família. A narrativa sugere que tenham sido personagens do passado que o ajudaram, apoiaram na construção da pessoa que é hoje. Destas pessoas destaca-se o seu pai, uma personagem extremamente forte na sua construção do *self.* Incentivou-o, fazendo-o sempre acreditar em si mesmo e apoiando, facilitou recursos para lidar com o problema. Tanto o pai como a mãe foram dois fortes laços que apoiaram o participante ao longo de toda a sua vida até ao momento em que faleceram, tal como o próprio *afirma "foram os dois pilares principais da pessoa que sou hoje".* Foram pessoas que o ajudaram a crescer e a evoluir enquanto pessoa, na construção da sua identidade, tal como a irmã Anabela, de quem também faz muitas referências, que o apoiou, ajudou a superar obstáculos, permitindo assim a construção da pessoa que é hoje. Tudo isto pode justificar a atitude positiva face à vida que se evidencia no lema que adotou ao longo do seu percurso. Por um lado, os temas da deficiência e discriminação que o fazem procurar soluções para os ultrapassar, por outro, a influência positiva de pessoas importantes para si, como uma forma de encorajamento para lidar com tais problemas. O lema da sua vida, repetido inúmeras vezes ao longo da narrativa, revela a estratégia fundamental para lidar com as adversidades que se colocam ao longo da vida (Savickas, 2011). O lema revela a sua preocupação em transformar os problemas em soluções que está por sua vez ligado à tonalidade positiva e temas de vida.

Para além das pessoas significativas já mencionadas, é importante referir que emergem outras categorias da narrativa – os modelos de papel – que parecem promover o desenvolvimento pessoal do participante. Segundo McAdams (1993), os heróis podem vir a promover o desenvolvimento da pessoa. Por sua vez Savickas (1998) salienta que os modelos de papel funcionam como o *self* ideal, sendo por isso estruturantes da projeção de si no futuro, o que parece ser o caso. As suas heroínas são personagens que representam os exemplos de dois modelos a seguir. Por um

lado, Anne Sullivan, pela educação e desenvolvimento pessoal, e por outro lado, Helen Keller que, por ser uma personagem que superou as suas limitações resultantes da sua condição de deficiente. Esta condição (um dos temas de vida) parece ter sido interiorizada desde que a mesma ocorreu, ao contrário do tema da discriminação que, embora seja muito vivido em sociedade, perante os colegas da escola e no trabalho (no seu primeiro emprego) não está totalmente presente em todos os papéis da sua vida.

Existiram na sua vida outras personagens que ainda hoje funcionam como sistemas de apoio (outra categoria emergente do texto), tais como colegas de escola, colegas de trabalho, os amigos e vizinhos. Nesta medida pode-se afirmar que a identidade narrativa é construída ao longo da vida através de unidade e multiplicidade em que todos os aspetos dessa construção se interligam entre si.

Posto isto, ao refletirmos sobre a relação existente entre as linhas temáticas do participante e a sua carreira - salientando-se que os temas da deficiência e da discriminação são os temas centrais da sua história de vida -, a discriminação de que é alvo, foi a razão para a não continuação dos seus estudos. A discriminação também se estendeu ao seu primeiro emprego, o que leva a acreditar que os próprios temas de vida revelam as barreiras de carreira na vida deste sujeito. Tal está em acordo com o referido na parte teórica deste trabalho quanto ao facto de os temas de vida serem as preocupações fundamentais na vida das pessoas mas também as soluções que procuram para lidar com tais preocupações. A sua luta constante foi/é utilizar ao máximo as suas capacidades para derrubar barreiras à construção da sua vida onde se situa a construção da sua carreira.

O tema da discriminação acaba por se tornar numa colossal barreira à carreira, visto que as outras pessoas, neste caso, os colegas de escola e de trabalho o discriminam devido à sua condição de deficiente, o que acaba por dar origem a outra grande barreira de carreira que se aponta como a incompreensão dos outros face à sua deficiência. As barreiras encontradas na história de vida do participante (discriminação e incompreensão das pessoas face à deficiência) são, infelizmente, uma realidade vivida por muitas outras pessoas portadores de deficiência. Também as dúvidas dos empregadores no que respeita às suas capacidades, logo, não é fácil afastar as pessoas do isolamento relativamente às ofertas profissionais, escolares e de relações sociais. Trata-se de uma sociedade ainda pouco inclusiva visto que se verificam vários tipos de barreiras de carreira (Reis & Cardoso, 2010; Violante & Leite, 2011). No caso especifico do participante, verificamos que na altura em que iniciou o primeiro emprego, não houve preocupação no reconhecimento das suas necessidades

advindas da sua condição. Condição que foi mal percecionada pela população ainda muito fechada da sociedade em que vivia, pelo facto de não ter tido inicialmente um trabalho remunerado. Pode-se referir que a sua integração socioprofissional não foi plena/perfeita, pois foi alvo de preconceitos. Contudo, o desejo de contribuir para a sociedade fez com que permanecesse a tentar mostrar que era capaz de fazer o seu trabalho em pé de igualdade com as outras pessoas, quando o seu emprego passou a ser remunerado como os restantes colegas, pelo que ao conseguir a equidade que tanto procura, parece existir um aumento da sua autoestima, um avanço para a sua integração socioprofissional (Violante & Leite, 2011).

Constata-se a importância de criar medidas a diversos níveis (Reis & Cardoso, 2010; Silva et. al., 2010), para inclusão das pessoas com incapacidade e assim maximizar a igualdade de oportunidades destas pessoas, as quais ainda não são aceites pela sociedade em geral, devido, principalmente, à fraca/pouca evolução das mentalidades. Talvez por isto, a forte necessidade de equidade do participante que representa, para além disso, um dos seus valores principais. Isto revela como a construção de si se faz na interação com os constrangimentos e apoios que o contexto coloca a esse processo.

Referindo-nos aos valores do sujeito somos levados a abordar o seu *setting* ideológico. Para além do valor da equidade, aparecem os valores da utilização das suas capacidades que estão bastante ligados, à sua 1) *linha temática*, em especial da utilização das suas capacidades para superar as suas limitações, daí a constante procura de soluções, 2) às *barreiras de carreira* ligada à necessidade de equidade entre todos, sendo esta falta na sociedade a consequência das barreiras.

Os valores utilitários existem na medida em que defende ideologias políticas que sejam a favor da humanidade. Este valor parece muito relacionado com os seus temas centrais, por viver a condição de deficiente, e por ter sofrido discriminação, vivendo sempre na procura de soluções para superar a adversidade. Parece existir uma ligação entre o tema (viver a deficiência e ser discriminado) – valores utilitários (leis que sejam úteis a todos) – barreiras de carreira (consequência de falta de medidas, falha das leis politicas) e – procura de soluções (preocupação da deficiência) que se liga por sua vez ao apelo que faz para que contem o seu grande tema de vida.

O valor do desenvolvimento pessoal, por sua vez, representa a necessidade de conseguir ir mais longe. Relaciona-se, deste modo, com os modelos de papel, mais especificamente com a heroína que marca a sua história de vida: Helen Keller, pois conseguiu superar as suas limitações, também ela surdocega. Ainda abordando o *setting ideológico*, resta-nos refletir sobre o seu grande valor: o amor. Para si o facto

de afirmar ser fundamental acreditar e acima de tudo gostar de nós próprios, ou seja, ter amor-próprio, parece ir de encontro à sua personalidade de lutador, juntamente com a personalidade do tipo social (o amigo, que ajuda) que os sistemas de apoio (pessoas mais importantes para si) ajudaram a construir, e que se identifica também com a sua tonalidade positiva - face aos temas centrais da sua narrativa - e o lema da sua vida.

A narrativa do participante é fortemente marcada por episódios nucleares que revelam a importância da sua deficiência no processo de construção da sua vida. As grandes transições na sua vida têm a ver com mudanças na sua condição de deficiente. Estas transições ao longo de toda a sua vida não significam perda de identidade. Fazem parte dos temas da deficiência e discriminação e são, por isso, elementos de continuidade e coerência da sua identidade narrativa.

O participante desenvolveu também as dimensões da adaptabilidade, que demonstram mais uma vez uma ligação entre a influência dos sistemas de apoio (pessoas importantes para si) e a sua personagem do tipo lutadora. Essas dimensões são a confiança e o controlo. A propósito, conta uma experiencia que viveu na adolescência ao ter ficado sozinho em casa com uma amiga. Estas dimensões revelam que, apesar da sua condição de deficiência, a autonomia fundamentada na confiança pessoal são importantes para "vencer" com a sua condição. Também está presente outra dimensão da adaptabilidade denominada de curiosidade. Reflete-se pelo conhecimento daquilo que consegue fazer e das ferramentas que permitirão ultrapassar as suas limitações.

Na narrativa apresenta-se, de uma forma direta, a necessidade de encontrar um desenrolar generativo (McAdams, 1993). Tal está bem patente nas preocupações com o seu futuro, no desejo de fazer contribuições à sociedade que se traduz pelo desejo de ter filhos, como um prolongamento de si. Por sua vez, a necessidade de laços, de proximidade com o outro, reflete-se assim no seu sonho de construir família, que por sua vez vai ao encontro de valores utilitários, de ser útil a outras pessoas. As experiências da infância, em que criou laços seguros e a relação com as sobrinhas evidenciam a continuidade no legado que deseja deixar. Para além disto, as suas preocupações presentes estão intimamente ligadas à avaliação narrativa. Embora seja pouco visível na história de vida do participante, este lança um apelo para que contem os seus grandes temas de vida: a sua condição de deficiente e a discriminação de que é alvo. Talvez isto signifique que a constante procura de soluções seja também uma forma de melhorar a sua condição de deficiência na sociedade de hoje.

O modo como este individuo construiu a sua identidade narrativa, teve forte influência nas experiências positivas do passado juntamente com a vinculação criada na infância, que se refletem no seu presente e como se projeta no futuro. Os temas da sua vida são as linhas que dão continuidade ao passado, presente e futuro. Por sua vez, para a estruturação desses temas foi central a deficiência. Nestes temas (deficiência e discriminação) estão contidas as necessidades de autonomia, de aceitação, de competência que se projetam nos valores (objetivos de vida) que orientam como se visualiza no futuro: ser autónomo, com controlo sobre a sua vida, fazendo utilização das suas capacidades e também construir uma família. Nos diferentes papéis da sua carreira (trabalho, tempos livres, estudo, família) procura concretizar estes objetivos, o que revela a estreita relação entre a construção de si e a construção de carreira. Neste sentido, os aspetos analisados aquando do objetivo proposto, levam a considerar que este estudo pode contribuir para entender os fatores e os processos de construção de carreira deste tipo de população, tal como para compreender as inúmeras dificuldades que se lhes apresentam.

Capítulo VIII - CONCLUSÃO

Para finalizar este longo e intenso estudo sobre os projetos de vida/carreira em pessoas portadoras de surdocegueira, uma das principais conclusões refletidas aqui, foi a relevância do estudo e a abertura que pode proporcionar a estudos do mesmo género, visto que, e como referido na introdução deste trabalho, a surdocegueira é uma área ainda muito pouco conhecida em Portugal, mas digna de estudos científicos.

Sendo uma incapacidade que vai ao encontro do meu interesse pessoal, ao abordar o desenvolvimento da carreira neste tipo de população tão específico, foi possível ficar a conhecer os fatores e processos de construção da carreira do participante escolhido, e que foi bastante benéfico ter utilizado como metodologia de estudo, um instrumento que, a meu ver deveria ser mais trabalhado e utilizado em investigações deste tipo, pois tanto a um nível qualitativo como quantitativo, permitem-nos obter resultados de exploração muito eficazes.

A surdocegueira por ser uma incapacidade única, requer especial atenção, pois como já foi referido provoca um impacto enorme na vida de uma pessoa a vários níveis, tais como ao nível de acesso à informação, da orientação, da interação com o mundo, do conhecimento e especialmente ao nível comunicacional, visto que a comunicação é uma atividade essencial ao ser Humano.

A trajetória de vida/carreira destas pessoas é bastante dificultada, pois colocam-se vários entraves à construção da sua carreira, pelo que se verificou, no caso do participante: o grande tema da sua vida (a própria condição de deficiente) age como uma barreira à construção da sua carreira, sendo uma barreira para muitas outras pessoas com esta incapacidade.

Pelo que é importante referir que para um estudo de caso que tenha como objetivo estudar a identidade narrativa de pessoas portadoras de surdocegueira, se deve ter em atenção o tipo de surdocegueira que a pessoa possui, e de entre outros fatores, o nível de comunicação dos sujeitos, pois isto vai permitir ou não alcançar os objetivos que se pretendem atingir.

As histórias de vida podem ser instrumentos importantes de recolha de informação e ter tantas formas de análise, quantas as que o entrevistador conseguir desvendar e explorar ao longo do seu trabalho de investigação, pois como já foi referido, a narrativa da pessoa, ajuda a tornar explícito e consciente o que já existe implicitamente (McAdams, 1993). No entanto, consoante o estudo de caso em questão é pouco credível que se possa generalizar este estudo a outras pessoas dada a especificidade da população estudada, as limitações de trabalhos científicos semelhantes ao presente estudo, são inerentes à sua própria condição de deficiência,

grau de incapacidade, entre outras condicionantes que interferem na realização de trabalhos deste tipo.

Neste caso, a escolha do participante teve uma especial atenção: foi necessário recorrer ao guia-intérprete para realização das entrevistas e, felizmente, o sujeito não possui um nível comunicacional muito afetado, pelo que foi, através do método escolhido, uma exploração muito rica.

O objetivo central do estudo focou a análise da organização identitária de uma pessoa surdocega a partir da sua história de vida, onde se investiu numa abordagem qualitativa, bastante rica para estudos exaustivos como a exploração da narrativa pessoal de uma pessoa portadora de surdocegueira.

A relação de familiaridade criada com o participante mostrou ser um fenómeno útil aquando da aplicação das questões da entrevista semiestruturada proposto por McAdams (1993), isto devido à intensidade da exploração que esta nos permite alcançar. De salientar ainda que, apesar de se ter seguido o protocolo da entrevista, surgiram algumas dificuldades inerentes à realização da mesma, tais como a dificuldade de intervir e de explorar mais questões que iam surgindo à medida que o sujeito narrava a sua história.

Para além disto, a fase de transcrição das entrevistas, foi uma etapa bastante difícil de realizar pelo investigador devido à sua condição auditiva. Assim, mais do que uma pessoa fez a transcrição das entrevistas o que pode ter influenciado a fidelidade dessa transcrição.

A abordagem teórica e a utilização das histórias de vida nesta investigação foi fundamental para entender o viver subjetivo do participante, visto que é extremamente importante conhecer a visão subjetiva que a pessoa tem sobre si mesma ao longo de toda a sua existência, uma vez que, é através das experiencias vividas num dado contexto espacial, temporal e social, que todo o ser Humano cria e recria a sua história de vida, construindo e interligando passado, presente e futuro.

Através da narração da singularidade da história de vida do participante foi possível aceder ao seu mundo social e psicológico, e assim, por conseguinte, explorar a sua identidade narrativa. Sabe-se que a identidade narrativa do sujeito é um processo de construção contínuo ao longo de todo o ciclo da sua vida.

O objetivo foi atingido com sucesso, visto que, devido à revisão da literatura apresentada, juntamente com o procedimento adotado que, por sua vez, teve uma grande influência e enfoque na abordagem de McAdams (1993, 2001), a exploração da história de vida foi altamente benéfica para compreender e estudar a organização identitária do participante.

Pela observação dos aspetos analisados aquando do objetivo proposto no presente estudo e acima já mencionado, concluímos que é urgente a existência de uma sociedade mais inclusiva que a sociedade atual, visto que esta ainda apresenta muitos obstáculos à construção da vida/carreira de várias pessoas com incapacidade. Estas pessoas ainda encontram obstáculos para beneficiar dos direitos humanos, como a falta de oportunidades profissionais, a exclusão no sistema educativo, entre outras. Todos estes obstáculos mencionados foram encontrados na narrativa do participante que possui necessidades especiais de comunicação, dificuldades na conquista das suas metas educacionais, de lazer, sociais, de acesso à informação e à cultura.

O meio ao ter uma forte influência sobre as condições das pessoas, é, muitas vezes, o que acaba por "condenar" a inclusão das mesmas, por admitir tantos preconceitos, discriminações, barreiras sociais, culturais e pessoais.

No caso especial deste trabalho, as necessidades do participante não foram reconhecidas, pelo que o desenvolvimento social parece não ter evoluído com naturalidade, fruto da influência do meio e da sociedade, mas sim da sua luta constante, para se incluir na sociedade como um ser Humano com os mesmos direitos enquanto cidadão.

Espera-se que toda a revisão de literatura aqui abordada tenha sido explícita da problemática em questão, uma vez que, no enquadramento teórico, se descreveu a realidade e a temática das pessoas com incapacidade e da sua integração socioprofissional.

Ao elaborar este trabalho de investigação, e olhando para trás, foi de encontro às minhas expectativas: adquiri novas aprendizagens e conhecimentos sobre a metodologia das histórias de vida, foi um processo continuo e rico de aprendizagens que me permitiram afirmar que é um método com muito por descobrir e estudar, com o qual ainda não estou totalmente familiarizada, mas que me permitiu atingir o objetivo proposto para finalizar este trabalho.

Referências

Afonso, J. & Diniz, A. (2010). Um viver feminino no interior rural português: Descrição analítica do tecer de uma história individual. *Análise Psicológica*, *28, (2)*, 295-310.

Amado, N. (2008). *Sucesso no envelhecimento e histórias de vida em idosos sócio-culturalmente muito e pouco diferenciados (*Tese de doutoramento). Lisboa: Instituto Superior de Psicologia Aplicada. 20-178.

American Psychological Association (APA). (2001). *Publication Manual of the American Psychological Association* (5th *ed).* Washington, DC: Author.

Amiralian, M. et al. (2000). *Conceituando deficiência*. São Paulo. 34, (1), 97-103.

Amudson, N. (2006). *Challenges for Career Interventions in Changing Contexts*. International Journal for Educational and Vocational Guidance, 6, 3-14.

Aráoz, S. & Costa, M. (2008). *Aspectos biopsicossociais na surdocegueira*, 14, (1), 21-34.

Aráoz, S. (1999). Experiências de pais de múltiplos deficientes sensoriais – surdocegos: Do Diagnóstico à Educação Especial. (Tese de Mestrado), Universidade metodista de São Paulo. 2-58.

Arias, M., Zeferino, A. & Filho, A. (2006). Características clinico-sociais do surdocego institucionalizado. 24, (1), 20-6.

Baptista, J. (1980). O que fica de Helen Keller. Conferência realizada no clube Fenianos Portugueses. Disponível em: http://www.lerparaver.com/poliedro_keller.html.

Bardin, L. (1977). *Análise de Conteúdo*. Lisboa: Edições 70.

Bendasolli, P. (2009). Recomposição da relação sujeito-trabalho nos modelos emergentes de carreira. São Paulo, Brasil. 387-400.

Brown, D. & Associates (2002). Career Choice and Development. (pp. 255-311). San Francisco: Wiley.

Cader-Nascimento, F. & Costa, M. (2003). *A Prática educacional com crianças surdocegas.* Universidade Federal de São Carlos, 11, (2), 134-146.

Cambruzzi, R. S. & Costa, M. (2007). Análise dos níveis de comunicação do aluno com surdocegueira. Universidade Federal de São Carlos, Brasil. 16, (2), 249-268.

Cardoso, P. (2006). *Percepção de Barreiras da Carreira em alunos dos 9º e 12º anos de escolaridade: uma abordagem desenvolvimentista* (Dissertação de Doutoramento não publicada). Departamento de Psicologia da Universidade de Évora, Évora.

Cardoso, P. (submetido a publicação). Maladaptive repetition and career construction.

Cardoso, P., & Ferreira Marques, J. (2008). Perception of career barriers: The importance of gender and ethnic variables. *International Journal of Educational and Vocational Guidance, 8*, pp. 49–61. DOI 10.1007/s10775-008-9135-y.

Cardoso, P., & Moreira, J. M. (2009). Self-efficacy beliefs and the relation between career planning and perception of barriers. *International Journal for Educational and Vocational Guidance*, *9*, pp. 177-188. DOI 10.1007/s10775-009-9163-2.

Classificação Internacinal de Funcionalidade, Incapacidade e Saúde, (2004). Organização Mundial da saúde (OMS). 10-15.

Csikszetmihalyi, M, & Beattie, O. V. (1979). Life themes: A theoretical and empirical exploration of their origins and effects. *Journal of Humanistic Psychology*, *19*, 45-63.

Dijk, J. Van. (1967). The non-verbal child and his world: his outgrouth towards the world of symbols. Taarverstag Instituut Voor Doven. Saint-Michielsgestel, Netherlands. 1964-1967.

Diniz, D., Squinca, F. & Medeiros, M. (2007). *Qual deficiência? Prática médica e assistência social no Brasil*. Rio de Janeiro, 23 (11), 2589-2596.

Documento de Trabalho, Contributos para o plano Nacional de Saúde (2004-2010) - *Bases de reflexão para um programa nacional de saúde da visão*. 4-13.

Farias, N. & Buchalla, C. (2005). *A classificação internacional de funcionalidade, incapacidade e saúde da organização mundial da saúde: conceitos, usos e perspectivas*. Faculdade de Saúde Pública da Universidade de São Paulo. São Paulo, 8 (2), 1-6.

Ferreira, A. (2008). Regulamento Interno do Centro de Educação e Desenvolvimento, Casa Pia de Lisboa.

Ferreira, I. (2010). Formação profissional destinada a pessoas com deficiência visual: um estudo de caso (Dissertação e Mestrado). Universidade de Lisboa. 2-87.

Freitas, M. & Marques, A. (2010). *Inserção de pessoas com deficiência em organizações brasileiras: um estudo com empresas socialmente responsáveis*. 8 (3), 483-502.

Gabinete da Secretária de Estado Adjunta e da Reabilitação, Secretariado Nacional para a Reabilitação e Integração das Pessoas com Deficiência, (2006). *1º Plano de Acção para a Integração de Pessoas com Deficiência ou Incapacidade 2006/2009.* Lisboa: Grafispaço.

Garcia, A. (n.d.). *Surdocegueira: da mediação à guia-interpretação*. 1-6.

Gonçalves, I. & Cardoso, P. (2010). Barreiras da carreira em Universitários com incapacidade. *Actas do VII Simpósio Nacional de Investigação em Psicologia*, Universidade do Minho. Universidade de Évora. 1-14.

Gonçalves, S. (2007). O desenvolvimento da carreira em adultos pouco escolarizados. *Universidade de Aveiro*. 22-29.

Hargie, O., Saunders, C. & Dickson, D. (1987). Social skills in interpersonal communication. London: Brookline Books.

Holland, J. L. (1997). *Making vocational choices: A theory of vocational personalities and work environments*. Odessa, FL.: PAR.

Mângia, E., Muramoto, M. & Lacman, S. (2008). *Classificação Internacional de Funcionalidade e Incapacidade e Saúde (CIF): Processo de elaboração e debate sobre a questão da incapacidade*. São Paulo, 19, (2), 121-130.

Masini, E, Teodoro, C., Noronha, L. & Ferraz, R. (2007). *Concepções de professores do ensino sobre surdocegueira: estudo exploratório com quatro doentes*. Brasília, 88, (220), 556-573.

McAdams, D. P. (1988). *Power, intimacy and the life story*. New York: Guilford Press.

McAdams, D. (1993). *The stories we live by: Personal myths and the making of the self*. New York: The Guilford Press.

McAdams, D. P. (1995). What do we know when we know a person? *Journal of Personality, 63* (3), 365-395.

McAdams, D. P. (1996). Personality, modernity, and the storied self: A contemporary framework for studying persons. *Psychological Inquiry, 7* (4), 295-321.

McAdams, D. P. (2001). The psychology of life stories. *Review on General Psychology, 5* (2), 100-102.

McAdams, D. (2001). Coding Autobiographical Episodes for Themes of Agency and Communion. Northwestern University. 1-12.

McAdams, D. & Pals, J. L. (2006). A new big five: Fundamental principles of an Integrative Science of Personality. *American Psychologist, 61 (3),* 204-217.

Medeiros, C. (n.d.). *A inserção social de pessoas portadoras de necessidades especiais: a abordagem biopsicossocial e seu potencial para desenvolvimento de novas tecnologias de informação e comunicação*. 1-14.

Ministério da Educação Secretaria da Educação Especial, (2006). Saberes e Práticas da Inclusão. Dificuldades de Comunicação e Sinalização. Surdocegueira/Múltipla Deficiência sensorial. Brasília. 10-40.

Pinheiro, M., Wieland, C. & Prochnow, E. (n.d.). *Síndrome de Usher: relato de casos*. 1-9.

Poirier, J., Clapier-Valladon, S., & Raybaut, P. (1999*). Histórias de Vida: Teoria e prática* (2ª ed.)*.* Oeiras: Celta. pp. 57-87, 107-128.

Polkinghorne, D. E. (1988). *Narrative knowing and the human sciences*. Albany: State University of New York Press.

Polkinghorne, D. E. (2005). Language and meaning: Data collection in qualitative research. *Journal of Counseling Psychology*, 52 (2), 137-145.

Regulamento de Dissertação do Mestrado em Psicologia (n.d.). Universidade de Évora. 1-5.

Reyes, D. (2004). La sordoceguera. Una discapacidad singular. *In*. Rey, E., Viñas, P. (Coord.). *La Sordoceguera un análisis multidisciplinar* (1, (3), pp. 83-129).

Romita, A. (2007). Trabalho do deficiente. pp.1-17.

Saeta, B. (1999). O contexto social e a deficiência*.* Universidade Presbiteriana Mackenzie. 1, (1), 51-55.

Samaniego, M. (2003). Intervención psicológica para el ajuste en grupos específicos de población sordoceguera. *In*. Benito, J., Veiga, P., González, R. (Coord.), *Psicologia y Ceguera manual para la intervención psicológica en el ajuste a la discapacidad visual.* (1ª edição, 8, pp. 335-367. Madrid: Manuales.

Samaniego, M. (2004). Implicaciones de la sordoceguera en la desarollo global de la persona. *In*. Rey, E., Viñas, P. (Coord.), *La sordoceguera un análisis multidisciplinar.* (1ª edição, 5, pp. 183-225). Madrid: Estudios.

Samaniego, M. & Muñoz, R. (2004). *Familia y sordoceguera*. *In*. Rey, E., Viñas, P. (Coord.), La Sordoceguera un análisis multidisciplinar. (1ª edição, 7, pp. 263-301).

Sampaio, R., & Luz, M. (2009). *Funcionalidade e incapacidade humana: explorando o escopo da classificação internacional da Organização Mundial da saúde*. Rio de Janeiro, 25 (3), 475-483.

Savickas, M. L. (1995). Examining the personal meaning of inventoried interests during career counselling. Journal of career Assessment, 3, 188-201.

Savickas, M. L. (1997). Career adaptability: An integrative construct for life-spam, life-space theory. *The career development quarterly*, 45, 247-359.

Savickas, M. L. (1998). Career style assessment in Thomas J. Sweeney. *Adlerian Counselling: A practitioner´s approach*. 4, pp. 329-359. Muncie, in: Accelerated Assessment.

Savickas, M.L. (2001). A developmental perspective on vocational behaviour: career patterns, salience and themes. *International Journal for Educational and Vocational Guidance, 1*, 49-57.

Savickas, M. L. (2002). Career Construction: A development theory of vocational behavior. *In*. D. Brown and Ass. (Ed), *Career Choice and Development (*4, pp. 149-205).

Savickas, M. L. (2005). The theory and practice of career construction. *In*. S. D. Brown, & R. W. Lent (Eds.), *Career Development and Counselling: Putting theory and research to work* (pp. 42-70). NJ: Wiley.

Savickas, et. Al. (2009). Life designing: A paradigm for career Construction in the 21st century. Journal of Vocational Behavour, 75, 239-250.

Savickas, M. L. (2011). Career counseling. Washington, DC : American Psychological Association.

Seminário Pedagógico, (2010). O formador face às pessoas com deficiência/Incapacidade. Centro Nacional de Qualificação de Formadores (CNQF). 1-10.

Silva, A., Alves, J., Ribas, F. & Santos, C. (2010). *Homem um ser social? Os desafios na inserção de portadores de deficiência no mercado de trabalho*. XIII Seminários em Administração. 2177-3866.

Spokane, A. R,. Cruza-Guet, M. C. (2005). Holland´s Theory of vocational personalities in work environments. *In*. S. D. Brown, & R. W. Lent (Eds), *Career Development and Counseling: Putting theory and research to work* (pp. 24-41).

Super, D.E. (1957). *The Psychology of careers: an introduction to vocational development*. New York: Harper & Brothers.

Super, D.E. (1990). A life-span, life-space approach to career development. *In*. D. Brown, L. Brooks & Associates (Eds.), *Career choice and development: applying contemporary theories to practice (*2, pp. 192-234). San Francisco: Jossey-Bass.

Vieira, F. & Pereira, M. (2010). "Se houvera quem me ensinara…". A Educação de Pessoas com Deficiência Mental. Textos de Educação (4ª edição), Fundação Calouste Gulbenkian.

Violante, R. & Leite, L (2011). *A empregabilidade das pessoas com deficiência: uma análise da inclusão social no mercado de trabalho no município de Bautru, SP*. São Paulo, 14 (1), 1-16.

http://associacaopresencapessoasurdocegas.blogspot.pt/)

http://helenkeller1880.vilabol.uol.com.br/

http://www.alfabetosurdo.com/ptsign/fingerspelling.asp

Anexos

Anexo I – Entrevista realizada ao participante organizada cronologicamente

Início da Perda de Audição/Infância

Perdi a audição, parcial, aos três anos e meio de idade. Os meus pais começaram-se a aperceber porque eu estava sempre a pedir para repetirem as palavras. Andei em vários médicos à procura de saber o que se passava e, naquela altura, como o importante era tentar que eu não perdesse a pouca fala que já tinha aprendido, receitaram-me um aparelho auditivo para o ouvido esquerdo, assim como aulas de terapia da fala. Essa foi a primeira fase, a de tomar consciência de uma nova realidade e procurar soluções para a ultrapassar.

Início da Perda de Visão/Ensino Primário

Na escola infantil, não tive problema absolutamente nenhum de integração. Porque as crianças, quase sempre, nem se apercebem que um amigo passou imenso e eu continuo a ter os meus amigos na escola. Onde comecei a sentir um pouco de preocupação por parte dos meus pais e também de alguns professores foi quando fui para o ensino primário, porque os outros colegas, mais conscientes, já me estavam a marginalizar um pouco. Mas isso, para mim, nunca foi um problema. Porque o meu pai sempre me disse, desde criança, que quando eu não conseguia fazer uma coisa, arranjava outra maneira para fazer a mesma coisa. Os problemas para mim, não são problemas, quer dizer, eu procuro transformar um problema numa solução. Como diz Fernando Pessoa: *"Pedras do caminho, guardo-as todas. Um dia, eu vou construir um castelo!".* Eu procurei sempre encontrar soluções para resolver os meus problemas.

Na escola primária, salvo erro, na 2ª ou na 3ª classe, a professora começou a notar que eu não conseguia ler tudo o que ela escrevia no quadro. E os meus pais voltaram novamente à procura de tentar saber o que se estava a passar. Havia a questão da audição que já estava ultrapassada, com a aplicação da prótese auditiva. E agora havia que tentar perceber se havia mais alguma coisa a nível da visão. E, mais uma vez, foi a constatação de outra realidade e da procura de novas soluções.

Ainda na escola primária, também senti incompreensões por parte de professores. Eu nasci na cidade do Porto, onde vivi até aos nove anos de idade e depois, porque a minha família teve que vir viver para Lisboa, eu vim para um colégio diferente. Era um ambiente diferente, um colégio diferente, com pessoas diferentes, com crianças com necessidades especiais… Eu vinha com indicação para ir para o 3º ano, naquela altura, chamava-se a 3ª classe e então, a professora no fim do 1º período, passou-me

para o 2º ano. Fiz, novamente, o 2º ano e entretanto, porque os meus pais não gostaram do que se estava a passar nesse colégio, mudei de colégio, mas para um colégio absolutamente normal, sem crianças com necessidades especiais, pelo menos que eu me lembre. E aí, fiz a 3ª classe e a 4ª classe, sem problema absolutamente nenhum. É uma época que guardo no coração, porque foram pessoas extraordinárias. Ainda hoje tenho contacto pelo telefone com a minha professora da parte da manhã e a outra da parte da tarde, são pessoas que fazem parte da minha vida, são daquelas pedrinhas que fazem parte do eu que sou hoje. Depois acabei a 4ª classe, naquela altura ainda se chamava ciclo preparatório. Hoje já não é o ciclo preparatório, é o ensino regular. Portanto, fiz o 1º ano do ciclo preparatório sem problemas nenhuns. E o 2º também. Estive dois anos nesse colégio. Sem problemas… Claro, havia uma certa discriminação por eu ser surdo, por ver um bocadinho menos que os meus colegas, mas, ainda assim, consegui fazer grandes amizades com quem às vezes ainda vou mantendo contato.

Fui um pouco discriminado nas brincadeiras, por exemplo, para jogar à bola, era um bocado complicado com a prótese auditiva, porque andava sempre de um lado para o outro… E os meus colegas, talvez até por um pouco de ignorância, por não saberem até que ponto podia fazer parte dos jogos ou não... Era mais fácil eu ficar a ver os jogos do que a participar neles. Tinha um pouco de pena de não poder estar a jogar também. Mas ao mesmo tempo, como espetador, também gostava de ver os jogos, não é?

Ensino Secundário

As dificuldades que encontrei no secundário, continuam a ser as mesmas, talvez um pouco mais agravadas, porque eu e os meus colegas já éramos mais adultos e, portanto, eles já tinham outra perceção das minhas dificuldades. A escola também era mais exigente e havia coisas que eu não conseguia acompanhar. E foi assim todo o ensino, o preparatório e o secundário, tive sempre por parte dos colegas algumas dificuldades. E digo algumas, porque nem todos os colegas eram discriminatórios. Tive uma colega que fez o antigo 7º, 8º e 9º ano, sempre comigo e foi sempre ela que tomou nota dos apontamentos para mim. Não porque eu não visse, porque nessa altura eu ainda via bem. Mas porque não conseguia acompanhar a aula em termos de audição. E essa colega foi muito, muito importante para mim.

Todas estas pedras que foram surgindo no caminho da minha vida, na escola, ajudaram-me a perceber que as pessoas não são todas iguais. Todos nós somos como que peças de um puzzle, chamado puzzle social, em que as pessoas são todas

diferentes, mas fazem parte todas de um todo que constitui a sociedade em que vivemos. E portanto, tu e eu temos dificuldades, há outras pessoas que, aparentemente, não terão as mesmas dificuldades que nós, mas têm outras. Mas estamos cá todos e todos podemos fazer parte de uma sociedade muito mais uniforme, se formos capazes de nos compreender.

Primeiro Emprego

Uma vez que não estava a sentir grandes oportunidades e estímulo por parte dos professores e colegas, o melhor era começar a tentar ser útil à sociedade e procurei trabalho. Primeiro, estive a estagiar, num escritório de um sindicato, a tratar dos papéis, a fazer fotocópias, a escrever à máquina, naquela altura ainda não havia computadores em todo o lado… E depois arranjei o meu primeiro emprego. Nunca senti discriminação no trabalho, porque as pessoas estão preocupadas em desempenhar as suas funções e não estão preocupadas com as limitações de cada um.

Fiz todo o meu percurso de trabalho, até ter começado a perder a visão, aí por volta dos trinta anos. No meu local de trabalho, como não me podiam despedir, puseram-me numa sala, sozinho, com um ampliador… Eu estava a ler livros! Como tinha que lá ir todos os dias, fiquei praticamente oito anos, só a ler… a ler e a escrever poesia minha. Eu escrevia à mão e depois os meus colegas passavam no computador.

Perda de Visão - Audição/Idade Adulta

Um dia, quando regressava a casa do trabalho, ao fim da tarde já estava mais escuro, eu ia a apalpar pelas paredes… foi quando fui para o Hospital Egas Moniz pela primeira vez… Depois, por sugestão de um médico oftalmologista, amigo do meu pai, fui para o Instituto Gama Pinto. E passei, a ser seguido no Gama Pinto, ao nível da visão.

A audição só acabou aos trinta e sete anos. Estava de férias, em casa, em S. João do Estoril e estava na piscina do condomínio. Quando saí da água e vou pôr o aparelho, não ouvia nada. E eu pensei: *"O aparelho está avariado!".* E fui buscar o outro. Mas também não conseguia ouvir nada. Então, o meu pai disse: *"Bom, se não é um aparelho, não é o outro, só pode ser o ouvido!"*. Fui para o Hospital São Francisco Xavier, onde fiz imensos exames e nada. Disseram que estava tudo bem, que tinha uma infeção no ouvido. E eu disse: *"Não pode ser infeção! Porque eu já tive muitas infeções e nunca deixei de ouvir!".* Depois disso, andei em muitos médicos, fiz muitos

exames e não havia uma conclusão plausível que dissesse qual era a razão porque tinha deixado de ouvir.

Uma nova forma de comunicação

Fui para o Hospital com a minha irmã Anabela e aconteceu uma coisa muito engraçada. Nós fomos de dia mas viemos à noite, às 3h da manhã! E, a Anabela queria falar comigo, e não sabia, às escuras, como eu já estava a ver mal, como é que ela havia de falar comigo. Então, ela pegou no dedo dela e escreveu no meu joelho o que me queria dizer. E aí, tive a noção, de que ainda podia voltar a ouvir, embora de outra forma. Não podia através dos ouvidos, através dos sons, mas podia ouvir através das letras na minha mão! Durante oito anos, ouvi sempre as pessoas a falar comigo na palma da minha mão. Tudo por escrito!

Quando era criança, havia umas brincadeiras na escola, em que nós tentávamos adivinhar coisas escritas na mão, ou nas costas da mão, nos joelhos… E isso ficou-me na memória e ajudou-me, mais tarde, quando a minha irmã escreveu na minha mão, a descodificar o que ela me estava a dizer. Por exemplo, quando ia ao hospital ou a um organismo publico para tratar de algum assunto, levava um papel que explica como é que se pode comunicar com uma pessoa surdocega. Que é a escrita na palma da mão! Foi assim que fui mostrando às pessoas que podiam comunicar comigo e durante oito anos, eu ouvi sempre através da minha mão. Essa comunicação, só terminou quando eu passei a ouvir com o implante coclear[2].

Momento mais marcante

O episódio mais maravilhoso que tive até hoje, foi o momento em que recuperei a capacidade de ouvir e poder estar em contato com o mundo à minha volta, através dos sons. Eu oiço quase tudo! Se existir alguma coisa que não oiça, é porque nunca estive habituado a ouvir isso e, portanto, não estou preparado para reconhecer esse som. A minha visão já não permite ver as feições das pessoas, mas através do tato e da audição, consigo perceber quando é que uma pessoa está bem, ou não. Por exemplo, ontem, telefonei a uma amiga, que trabalha no Instituto Gama Pinto, e quando ela atendeu o telefone, só pelo primeiro som dela falar, percebi que ela não estava bem. Tinha acabado de chegar a casa, do funeral de uma prima. São aquelas

[2] Implante coclear – prótese computadorizada introduzida através de cirurgia na cóclea, cujo objetivo é substituir parcialmente as funções do órgão espiral, dando impulsos elétricos para estimular as fibras neurais remanescentes da cóclea (Pinheiro, M., Wieland, C. & Prochnow, E., n.d.)

pequenas coisas que, são tão insignificantes, mas que nos ajudam a poder interagir com o mundo e com o meio em que estamos inseridos. E isso é muito bom!

Dois acontecimentos negativos

Os dois acontecimentos mais negativos da minha vida, foram o falecimento dos meus pais. Tanto o meu pai como a minha mãe, foram os dois pilares principais da pessoa que sou hoje. É como se tivéssemos um edifício que foi sendo construído sobre duas colunas e, de repente, alguém tira as colunas… Alguém tira essas duas colunas e… fiquei com medo que o edifício fosse cair… O meu pai, já foi há catorze anos. E a minha mãe há oito anos. Foi muito difícil para mim, porque eles apoiaram-me, protegeram-me… Quando comecei a deixar de ver e depois, mais tarde, a deixar de ouvir, foi sempre o meu pai que me disse que isso não era problema, porque iríamos andar à procura de novas soluções.

Quando comecei a perder a visão, o meu pai, comprou-me esta lupa e disse: *"Estás a perder visão, mas, com esta lupa, ainda podes ver mais um bocadinho!"* Esta lupa acompanha-me há muitos anos no meu bolso, porque tem um simbolismo muito importante, que o meu pai procurou minimizar as minhas dificuldades e mostrar-me outras soluções. A minha mãe também foi muito importante para mim, porque sempre me disse que eu era uma pessoa capaz de superar as minhas dificuldades.

Autonomia

Nunca senti que fosse um peso, nem para os meus pais, nem para os meus irmãos, nem mesmo para os meus amigos. Eu acho que as pessoas precisam que existam pessoas diferentes, como nós, para as fazer demonstrar a sua sensibilidade. Por exemplo, aqui em Almada, sinto-me absolutamente integrado, porque as pessoas que vão na rua, vêem-me com a bengala na mão e vêm ter comigo a perguntar: *"Precisa de ajuda?", "Quer que ajude a atravessar a rua?". À*s vezes, vou ao café, ajudam-me a escolher as moedas. As pessoas procuram ser úteis. Mas não por uma questão de obrigação. É simplesmente uma questão de solidariedade, porque sabem que amanhã, podem estar na mesma situação que eu. Eu, por exemplo, aprendi a andar com a bengala sozinho. Aprendi com os cegos que andavam na rua e, ajudava a atravessar a rua, a subir escadas... Não me considero um peso, eu acho até que sou um privilegiado pelos amigos e pelos vizinhos que tenho, porque me ajudam muito, é uma forma de eles também se sentirem pessoas.

Mesmo a ver muito mal, ainda tenho autonomia. Vou e venho a Lisboa, vou ao Porto, ao Algarve, ao Minho, vou sempre a sítios que já conheço. Quando não conheço ou

vou acompanhado ou vou de dia e procuro ambientar-me. Eu sei as dificuldades que tenho e sei que tenho ferramentas que me permitem ultrapassar essas dificuldades.

Decisão mais importante

A decisão mais importante que tomei na minha vida, foi vir viver para Almada, viver para a minha casa. Comprei a minha casa, mobilei-a com as poucas coisas que tinha e a pouco e pouco, fui tornando a casa agradável. Foi um grande passo de autonomia, foi um grande passo de inserção social, de fazer a minha inserção social para lá da porta da minha casa. Sinto-me bem aqui na vila, dou-me bem com as pessoas, foi muito bom para mim.

Sensação mais maravilhosa

A sensação mais maravilhosa que tive, recentemente, foi quando conheci uma rapariga surdocega que se chama Andreia. Porque tive a certeza absoluta que é possível, com ainda mais limitações que eu, ir mais longe. Essa menina estava na altura a fazer faculdade. E isso marcou-me muito, porque mostrou-me até onde vão as capacidades de uma pessoa, independentemente das suas dificuldades. Ela já fez o seu curso na faculdade, está agora a fazer o estágio. E em breve, vai ter que enfrentar outra faceta da sua vida, o mundo do trabalho. Espero poder acompanhar o trabalho dela de tão perto quanto possível. O que mais desejo é que ela mostre às pessoas, tal como me mostrou a mim, que é possível ir mais longe, independentemente das tais pedras no caminho.

Recordações da Infância

Tenho dificuldades em encontrar recordações da minha infância, porque, quando pus o aparelho auditivo, aos três anos e meio, estava muito preocupado em superar as minhas dificuldades. Eu queria ouvir aquilo que estava com dificuldades de ouvir, queria aprender coisas que não tinha tido oportunidade ainda de aprender porque não podia ouvir. Mas há uma coisa que recordo com muito carinho e que, hoje, ajuda muito a minha vida. Nessa altura, em minha casa não havia televisão, era uma coisa recente em Portugal e não havia necessidade de ter televisão. Tínhamos um jardim muito grande, a casa era grande e, podíamos ir para o jardim brincar. À noite, havia sempre visitas e havia uma coisa que o meu pai fazia, quase todas as noites. Íamos para a sala, sentávamo-nos todos na sala, fazíamos algumas orações, em família, e o meu pai costumava pôr discos a tocar para nós ouvirmos e, isso, de certa forma, educou o meu ouvido em termos de música, de sons. Hoje gosto muito de

música boa qualidade. E devo isso ao meu pai. Ouvir música em criança, ajuda-nos a criar uma forma de estar, uma cultura que nos ajuda a estar bem connosco próprios. Na minha casa, é normal estar sempre o rádio ligado, com música a tocar. Porque, como estou sozinho, sinto-me acompanhado com a música, é como se estivesse mais alguém em casa. Agradeço muito aos meus pais e depois aos meus irmãos, porque quando voltei a ouvir, eles voltaram novamente a pôr musica para eu voltar a ouvir.

Recordações da Adolescência

Tive uma adolescência absolutamente normal. Participei em acampamentos de jovens, ia para a praia com os meus amigos, para a quinta dos meus primos, brincava com os meus primos, nunca me senti uma pessoa diferente pelo simples facto de usar um aparelho pendurado na orelha. Mesmo depois, quando comecei a perder a visão, nunca me senti uma pessoa diferente. Sempre percebi, que são limitações que ao corpo diziam respeito, mas que, uma pessoa sã de espírito, procura sempre superar da melhor maneira que pode e sabe e é o que tenho feito ao longo da minha vida.

Há um episódio que recordo, tinha eu os meus dezasseis anos e estava lá em cima, no norte, a passar férias e os meus pais e os tios de uma amiga minha, foram passar um dia a Espanha. E nós ficámos em casa, na quinta, sós. Para mim foi uma prova de confiança muito grande, porque quando nós somos crianças e andamos sempre com os pais para aqui e para acolá, nunca ficamos sozinhos, mas naquele momento, foi diferente. Ela tinha quinze anos, eu tinha dezasseis ou dezassete e nós ficamos os dois sozinhos em casa. Fizemos o almoço, estivemos ali como duas pessoas responsáveis e isso, para mim, representou uma prova de confiança e de maturidade minha perante os meus pais e os tios dela.

Recordações da Idade Adulta

Na minha vida adulta, foi muito importante procurar e encontrar o meu primeiro emprego. Porque as pessoas, quando encontram uma pessoa que usa aparelho auditivo, ficam a pensar que a pessoa não ouve, que vai ser muito complicado comunicar com ela… No meu primeiro emprego, tive cerca de seis meses, que são aqueles primeiros seis meses à experiência, a receber um vencimento que era pago na altura a quem era menor. E eu não me preocupei com isso, o mais importante era mostrar que era capaz de fazer o meu trabalho, em pé de igualdade com as outras pessoas. E assim fiz. Ao fim de seis meses, o chefe do departamento de pessoal veio ter comigo e, para se desculpar do facto de me terem estado a pagar mais baixo do que o que seria obrigatório, disse-me que, afinal de contas, eu, apesar das minhas

limitações, fazia o meu trabalho em pé de igualdade com os outros colegas e, portanto, não havia razão nenhuma para me estarem a pagar o salário como se fosse um adolescente. A partir daquele mês, passava a pagar o salário como uma pessoa adulta. E isso deu-me força, ajudou a que eu assumisse a capacidade de acreditar nas minhas capacidades. Afinal, lá porque eu tinha um aparelho no ouvido, não era sinal de eu ser diferente dos outros, eu era uma pessoa igual às outras. Da mesma forma que uma pessoa usa óculos, eu usava o aparelho para ouvir.

A verdade é que cheguei à idade que tenho com grande sucesso em tudo o que fiz até hoje. Muitas vezes, se alguma vez não consegui fazer alguma coisa, não foi consequência das minhas incapacidades. Mas sim consequência da incapacidade de muitas pessoas, que se julgam normais, que não nos deixam fazer as coisas naturalmente. Porque quando nós temos à nossa volta pessoas que não compreendem as suas próprias limitações, também não conseguem compreender as limitações de outras pessoas. Eu não me considero uma pessoa diferente das outras. O que é verdade, é que, o meu corpo, porque perdeu capacidades auditivas e visuais, tem mais limitações para atingir determinados objetivos. Mas, não quer dizer que ele não os possa atingir. Antes pelo contrário, se calhar, sou capaz de fazer coisas sem ver, que outras pessoas só pelo simples facto de terem uma visão normal, não conseguem fazer.

Quando conseguimos fazer as coisas, as outras pessoas, sobretudo quando não perdem a capacidade de se surpreender com elas próprias, ficam admiradas, de como é que é possível uma pessoa que não tem uma capacidade auditiva normal, conseguir fazer a sua vida tão normal, ou melhor até do que as pessoas que ouvem. Por exemplo, da primeira vez que eu peguei no telefone, lá no escritório, as pessoas perguntavam: *"Mas como é que ele pode ouvir ao telefone?"*. Eu posso ouvir ao telefone, porque eu tenho um aparelho para ouvir. E também consigo ouvir falar no meu nome no fundo de uma sala e responder, ouvir cair uma caneta e baixar-me para apanhar a caneta, por exemplo. São aquelas pequeninas coisas que mostram que nós, afinal de contas, também conseguimos fazer o que as outras pessoas fazem. Muitas vezes, se temos algum comportamento menos bom, é talvez reflexo de uma certa frustração, porque as outras pessoas não nos deixam fazer aquilo que é normal nós sermos capazes de fazer.

Momento Negativo

O acontecimento que eu direi pseudo negativo, para mim, foi o momento em que perdi totalmente a audição. A primeira coisa que pensei foi: *"Estou a ver mal. Não*

estou a ouvir nada... Isto agora vai ser um inferno!". Mas, quando a minha irmã Anabela me ensinou que podia ouvir através da escrita na palma da mão, através da Dactilologia[3], tive a noção de que, apesar de uma forma diferente, eu podia voltar a ouvir. Os oito anos que passei no silêncio total, foram todos feitos na base da comunicação táctil, porque eu não tinha a noção sequer de um ruído nem de uma porta a bater.

Mas, à medida que fui tomando consciência que podia ouvir, através do tato, deixou-me espaço mental para começar a pensar que, talvez, a possibilidade de um implante coclear, fosse uma possibilidade muito positiva. Na verdade, a minha médica otorrino teve uma conversa comigo e disse: *"Tu, neste momento, o que ouves, é zero. Se puderes ouvir 5%, já estás a melhorar!"* E eu pensei: *"De facto, é verdade, mesmo que fosse com 5%, eu passava a ouvir, por exemplo, uma porta a bater, um carro a passar, até ruídos muito simples, mas importantes para nós nos sentirmos em contato com o meio ambiente".* E aceitei o desafio.

O Implante Coclear

Desde que fiquei surdo até ao implante coclear, passaram oito anos. Oito anos em que não ouvia absolutamente nada. Quando tive a noção dos primeiros sons, foi maravilhoso! Quase posso afirmar que nasci outra vez… Quando somos implantados, um mês após a cirurgia, o implante é ativado e nós ficamos a ouvir automaticamente, mas não ficamos a perceber logo tudo. Porque o ouvido tem que reaprender a ouvir e a conhecer as palavras para podermos ouvir naturalmente. O aparelho é programado, e essa programação tem que ser feita, de início, de semana a semana, depois de quinze em quinze dias e depois de mês a mês.

É uma programação que vai sendo feita à medida que o cérebro vai reconfigurando e reaprendendo a sua forma de ouvir, com o implante. Foi o que se passou comigo. Foi um processo muito engraçado, porque foi um processo de uma descoberta, quase todos os dias…

A pouco e pouco, fui começando a reconhecer os sons e a ter já algum contato com as palavras. Primeiro, com monossílabos, depois com palavras um bocadinho mais complicadas. Até que entretanto, em Coimbra, me fizeram o desafio de fazer o segundo implante, no ouvido esquerdo. Como o ouvido esquerdo foi sempre aquele em que eu usava o aparelho, a reabilitação foi mais rápida! O processo foi igual,

[3] Dactilologia – Uma de muitas formas de comunicação da pessoa surdocega. É um sistema de representação das letras de um alfabeto, usando apenas as mãos (http://www.alfabetosurdo.com/ptsign/fingerspelling.asp).

também tive programação do aparelho, semana a semana, depois de quinze em quinze dias, gradualmente. Mas, a reabilitação foi mais rápida porque o ouvido, a memória auditiva já tinha registos do tempo em que eu ouvia.

O primeiro momento quando comecei a ouvir com o implante, foi emocionante! Tive que me conter para não me virem as lágrimas aos olhos… Foi emocionante, foi muito emocionante! Ter a noção que posso voltar a ouvir os sons, ter contato com o meio ambiente, poder ouvir as vozes! A primeira palavra que eu ouvi foi uma situação muito engraçada. Eu vinha no autocarro, para o trabalho, e ao meu lado, estava uma jovem, com uma bebé ao colo. E eu ouvi a menina chamar a mãe por mamã. Não estava à espera de ouvir nada. A menina acordou e diz: *"Mamã!".* E eu fiquei tão emocionado nesse dia… Naquele momento, não consegui conter as lágrimas, e houve pessoas que estavam no autocarro, que me perguntaram se me estava a sentir bem. E eu disse: *"Tenho a impressão que nunca me senti tão bem na minha vida, como neste momento!"* Tenho pena de não ter estado ninguém comigo com uma câmara de vídeo ou uma câmara fotográfica, porque foi emocionante.

Uma das coisas que gostei muito de ouvir, que nunca tinha ouvido, nem quando tinha o aparelho, foi uma vez quando ia para o trabalho e ouvi o galo a cantar de manhã! Ouvi o galo, mais tarde, comecei a ouvir o piar dos passarinhos, e ainda um pouquinho mais tarde, o grilo a cantar nas noites de verão! Foi uma descoberta deslumbrante! A partir dai, comecei a ter noção de que podia voltar a fazer uma vida normal enquanto ouvinte. Já que estava a perder a visão, pelo menos, na audição podia ser um pouquinho mais normal. Posso ouvir música, ouvir a televisão, ler livros em áudio, porque agora há livros em CD para nós, cegos, podermos ouvir! Recuperei novamente a minha voz, porque, quando fiquei totalmente surdo, a minha voz ficou pior. Voltei a ouvir, voltei a recuperar a minha voz, as pessoas já me compreendiam novamente e eu também já as compreendia a elas. Foi espetacular!

As pessoas mais importantes da minha vida

Há duas pessoas que podem ser consideradas uma pessoa só e que foram muito importantes na minha vida: os meus pais. Porque, sem eles, sem a capacidade deles acreditarem em mim, eu hoje não estava aqui, na minha casa, a viver sozinho, com as minhas limitações, mas também com as minhas capacidades.

Depois, há outra pessoa que também foi muito importante, que é a minha irmã Anabela. Porque ela desde o início, começou a ir comigo às primeiras sessões de terapia da fala. Ela assistia às sessões de terapia da fala e foi quando ela começou a ter a noção, que também ela queria ir para terapia da fala. E ela tirou o curso de

terapeuta da fala. E ao longo do tempo, quando me começou a aparecer a dificuldade visual, a Anabela foi sempre, uma espécie de um pilar do edifício que sou hoje.
O nascimento das minhas sobrinhas também mexeu muito comigo. Por várias razões. Primeiro, porque o nascimento de uma criança numa família, é sempre positivo. E depois, porque, muitas vezes, eu fiquei responsável por elas. As minhas sobrinhas, hoje, têm uma postura perante as minhas dificuldades e as de outras pessoas, diferente daquela que teriam se o tio delas não tivesse limitações nenhumas. Portanto, elas têm uma perspetiva da vida, muito diferente da de muita gente, porque conviveram com a deficiência, conviveram com as minhas limitações.

A quarta pessoa que foi importante para mim, foi a primeira pessoa com quem eu namorei. Apesar de a relação não ter continuado, ela foi muito importante para mim. Para já, não estava nada à espera, o namoro aconteceu tão naturalmente como a nossa sede, foi o meu primeiro amor a sério, e marcou-me. Tivemos dezassete meses juntos e foi bonito, foi interessante. Claro que, depois houve umas três pessoas com quem eu namorei. Apesar de nenhuma delas ter ficado comigo, ainda hoje são pessoas importantes para mim… Fizeram com que a minha vida, fosse uma vida perfeitamente regular.

Heróis

Tenho um herói. Quando fui para um colégio, no Porto, o Colégio tinha o nome de Anne Sullivan[4]. E eu, na altura, não sabia quem era Anne Sullivan. Mais tarde, quando comecei a ter os problemas de visão, e quando depois perdi a audição, comecei a juntar as pecinhas todas do puzzle e comecei a perceber quem era Anne Sullivan, descobri quem era Helen Keller, e hoje, são de facto, duas pessoas que para mim representam dois verdadeiros heróis. Uma, do ponto de vista educativo e desenvolvimento pessoal. E a outra, na superação das suas próprias limitações. A Anne Sullivan, como professora da Helen Keller, foi, e atendendo ao tempo em que foi, com o conhecimento que havia na altura sobre estratégias de educação, reabilitação, capaz de fazer da Helen Keller aquilo que nós todos conhecemos. E a Helen Keller, também mostrou ao mundo que, apesar de não ver e não ouvir nada, era possível fazer uma vida tão normal como, inclusivamente, fazer um doutoramento em Filosofia.

Sonho/Projeto de Vida

[4] Anne Sullivan - Estudou na Parkins School for the Blind. Por volta de 1887 foi-lhe incutido o desafio de educar Helen Keller, tornou-se sua professora, ficando mais tarde inseparável da sua aluna até falecer, em 1935 (http://associacaopresencapessoasurdocegas.blogspot.pt/).

Apesar de todas estas peripécias ao longo da minha vida, nunca deixei de ter um sonho, enquanto pessoa, enquanto homem, que foi sempre, de um dia poder constituir família. Eu sempre sonhei ter alguém a meu lado. Como eu costumo dizer, e já disse em várias entrevistas, quando as pessoas perguntavam: "*Mas precisa de alguém para ajudar a fazer as coisas e tal?"*, e eu dizia: *"Basicamente, não é isso o mais importante. O mais importante é que eu procuro dois ombros com um coração!".* E sei que, se conseguir encontrar esses dois ombros com um coração, vou conseguir alcançar o meu sonho. Ter alguém com quem possa estar, ter alguém com quem me possa relacionar, alguém que possa, de certa forma, prolongar no tempo. Se for possível ter filhos, ótimo! Se não for possível, há sempre a possibilidade de adoção de uma ou duas crianças. E isto vem um pouco ao encontro ser útil a alguém. Mais do que ser útil a mim próprio, que isso é secundário, mas eu posso ser útil a outra pessoa... A outras pessoas que podem vir a depender de nós. Essa no fundo, é a linha dominante do meu maior sonho. Ao longo da minha vida, muitas coisas se passaram, mas… esse foi sempre o meu grande objetivo. Se o vou conseguir ou não, o tempo o dirá!

Problemas/Soluções

Cada pessoa tem as suas limitações, cada pessoa, tem os seus problemas. Mas, não há problemas sem solução, nem solução se não houver problemas. Portanto, são duas coisas que andam sempre associadas uma à outra. Dizer que eu não tive problemas, ao longo da minha vida, iria estar a mentir. O que posso dizer é que, à medida que os problemas foram surgindo ao longo da minha vida, eu procurei sempre superá-los. Como já disse, os meus pais foram pessoas muito importantes, que acreditaram sempre que eu podia ir mais além, assim como os meus irmãos e amigos. Se te dissesse que não tinha tido problemas nenhuns para chegar a este ponto da minha vida, estava a mentir. Mas a verdade é que os tive e que os superei. As soluções dependem muito, também da capacidade que a pessoa assumiu, ao longo da sua vida, de construir essas mesmas soluções. E eu continuo a construir essas soluções, como a expressão de Fernando Pessoa: "*Pedras da rua, guardo-as todas! Um dia, vou construir um castelo!"*, as pedrinhas no sapato não são propriamente, problemas. São elementos que fazem com que nós possamos, mais tarde, no futuro, construir o castelo e o sonho a que nos propomos construir ao longo da nossa vida. Os conflitos, os problemas, as dificuldades, são as tais pedrinhas que o Fernando Pessoa fala, que nós temos no nosso sapato, ao longo do nosso percurso de vida. E, portanto, elas são importantes para nós.

Crenças/Valores

A verdade é que o Homem tem necessidade de encontrar ídolos ou ícones, que regulem a sua forma de estar na vida. Se é Deus, se é Alá, ou se é outra coisa qualquer, para mim, isso não é muito importante. O importante é acreditarmos em alguma coisa. E esse alguma coisa tem que começar por nós próprios. Não tem necessariamente que ser uma entidade, acima de tudo, tem que ser o nós, o eu próprio, o nosso eu! O ser humano tem sempre que encontrar alguma explicação para aquilo que acontece, aquilo que se passa.

A minha conceção de Deus é diferente da tua, que também será diferente da de outra pessoa qualquer. Agora, o mais importante é que nós comecemos por acreditar em nós. Depois, tudo o resto acaba por fluir. Cada pessoa é livre de seguir a sua religião e é dentro dessa religião que nós construímos os nossos valores. E aí, há outro aspeto muito interessante, que eu já tenho refletido ao longo da minha vida. Costumo dar o exemplo, que eu próprio construí, na base de uma disciplina que existe na Física, que é a Ótica. E eu costumo dizer que podemos imaginar, por exemplo, a luz de Deus a incidir num prisma ótico. Quando estamos a falar da decomposição da luz branca, nós temos um prisma onde incidimos a luz branca de um lado e do outro lado, saem as sete cores do arco-íris. Vamos imaginar que o prisma ótico é o nosso consciente. A partir do subconsciente de cada pessoa, nós podemos ter religiões e crenças diferentes, conforme a luz, conforme a cor que gostamos mais do arco-íris que sai do prisma ótico. Por exemplo, vamos supor que estamos a falar de religião católica, vamos supor que é a cor azul. Vamos supor que falamos da religião judaica, vamos supor que é a cor amarela. Vamos falar, por exemplo, da religião islâmica, vamos supor que é a cor vermelha. É a separação daquela luz branca, que é a luz de Deus, única, e depois o subconsciente de cada um de nós, pode receber essa informação e, transformá-la numa forma diferente de entender a luz de Deus. Pessoalmente, tenho uma forma de ver as coisas que seria, por exemplo, a religião católica. Mas tão importante como isto para a nossa vida, para nós construirmos os nossos valores, tão importante como isso, é sermos capazes de perceber uma pequena quadra que vou dizer agora. Que é uma quadra de um poeta português, analfabeto, e que ele dizia assim: *"Fazem guerras, por mil ideias… Se querem que o mundo ande, façam das mil pequeninas, uma ideia bem grande!".* São coisas que fazem parte da minha vida, que me ajudam a superar os problemas, que me ajudam a acreditar que o dia de amanhã, pode ser melhor, pode ser diferente. E pode ser ainda mais útil, para todos.

Os meus valores principais, podem ter-se tornado mais sólidos, mais consistentes, porque à medida que vou percebendo todas as realidades que me envolvem na vida, vou melhorando. Não sou uma pessoa de ideias feitas, sou sim, uma pessoa de ideais. Procuro ser muito igual a mim próprio e não impor os meus ideais, os meus valores. É importante sermos capazes de perceber que há outras pessoas que pensam e agem de formas diferentes, das nossas, temos que aceitar as outras pessoas para que elas também aceitem que nós temos diferenças, dificuldades diferentes, temos circunstâncias diferentes de estar na vida. Isto é fruto de todo este caminhar que tenho vindo a fazer ao longo da minha vida. E que me tem ajudado a perceber quem sou, onde estou e para onde vou. São as três perguntas fundamentais da Filosofia. Tenho procurado ser um pouquinho igual a mim próprio, independentemente, das circunstâncias que me possam rodear.

Ideologias Políticas

Considero-me uma pessoa que acredita em valores que sejam úteis à construção da Humanidade, não aceito ideologias políticas que não sejam a favor da Humanidade. Eu acho que todas as ideologias políticas têm o objetivo de ser úteis à humanidade. O que eu não posso aceitar é que as pessoas façam essas ideologias políticas de acordo com as suas próprias necessidades e as necessidades daqueles que o rodeiam. Não gosto de guetos políticos, ou seja, de uma política que só serve um determinado grupo de pessoas. Não, isso não. Não aceito.

Enquanto pessoa com deficiência, é natural que sinta que falta sempre qualquer coisa, em termos legislativos. No caso dos surdocegos, a falta de legislação, no que respeita a pôr no papel que existem pessoas que, por não verem e por não ouvirem, têm necessidades diferentes daquelas pessoas que, ou só não ouvem, ou só não veem, dificulta a nossa vida. Por exemplo, quando vim para aqui, para Almada, e estava à procura de apoio domiciliário, fui à Santa Casa da Misericórdia e para eles, pela Lei, a Santa Casa só teria que dar apoio a pessoas idosas. Não estava escrito no papel que as pessoas com deficiência também faziam parte das pessoas que necessitavam de apoio domiciliário. Há aqui uma questão que, para mim, parece ser importante. É que não basta só fazer leis de acordo com as necessidades das pessoas que têm essas necessidades. É importante que essas pessoas, tenham um papel ativo na construção dessas mesmas leis, porque, por exemplo, nós podemos ter os melhores técnicos do mundo, técnicos de reabilitação, técnicos de mobilidade, técnicos de toda a área possível, mas, se não tivermos, nesse grupo de trabalho, uma pessoa com surdocegueira, é difícil que essas pessoas encontrem a expressão real

das necessidades que nós temos. E é isso que eu tenho dito, muitas vezes, por exemplo, aos meus amigos do Instituto Nacional de Reabilitação.

Valor mais importante

Para mim, o valor mais importante em relação à vida humana, é o amor. Sem amor, nada é possível. As pessoas têm um bocado dificuldade em perceber quando se fala do amor, propriamente dito. O amor tem a ver, primeiro que nada, com amor-próprio. Gostar de nós próprios. Porque quando nós gostamos de nós próprios, mais facilmente temos capacidade de poder gostar dos outros também. E, mais concretamente, do outro, daquele que um dia pode estar ao nosso lado e que pode acompanhar-nos nos momentos bons e maus da nossa vida. Sem querer de forma nenhuma estar a repercutir uma ideologia ou uma religião, seja ela qual for, eu podia resumir aquilo que pretendo dizer sobre o amor, na Carta de São Paulo aos Coríntios, que vem na Bíblia. Que diz que, se não soubermos falar a língua dos anjos, nem formos capazes de olhar para os outros como um ser inteiro, um ser igual a nós, se não formos capazes de dar, de sentir na realidade, aquilo que o amor é na verdade… somos como uma peça de bronze que apenas redime e não tem sonho próprio. E o sonho do amor é das coisas mais interessantes e mais lindas que nós podemos encontrar na nossa vida, independentemente da forma como ele se manifestar. Eu costumo dizer que as quatro operações do amor são as mesmas que nós fazemos na matemática, com uma diferença. A matemática é uma ciência exata, o amor não é ciência exata, mas tem fases que são exatas. Para mim, o amor é a soma das nossas atitudes; a subtração dos egoísmos; a multiplicação dos afetos e a divisão de tudo quanto há de mais belo na vida.

Apelo aos outros

Eu não tenho muita facilidade em fazer resumos, numa frase ou numa palavra, aquilo que tenho feito ao longo da minha vida. Gostava muito que as pessoas percebessem que nós, pessoas surdocegas e outras também com deficiência, somos pessoas pensantes, somos seres sensíveis, com carências e com necessidades e que também participamos na vida de todos, com trabalhos desta natureza, que podem ajudar as pessoas a serem um pouquinho mais adultas, mais recetivas ao problema da deficiência, neste caso, da surdocegueira, porque as pessoas, às vezes, também ficam um bocado confusas quando são confrontadas com necessidades dessas, ficam assim: *"Mas como é que é possível? Mas como é que elas conseguem?".* Mas,

esquecem-se de perguntar: *"E será que eu sou capaz de fazer isto?"*. Porque, a dúvida e o sonho são os expoentes máximos da evolução do ser humano.